



FOCO NELAS

MULHERES NOS BASTIDORES DA CENA
TEATRAL DO ACRE E DE RONDÔNIA

ANDRESSA BATISTA
JESSIANE GISELE
ANA PAULA ALB
VALESKA ALVIM
(organizadoras)

ANDRESSA BATISTA
JESSIANE GISELE
ANA PAULA ALAB
VALESKA ALVIM
(Organizadoras)

FOCO NELAS

MULHERES NOS BASTIDORES DA CENA
TEATRAL DO ACRE E DE RONDÔNIA



Copyright © 2022 by Andressa Batista, Jessiane Gisele, Ana Paula Alab e Valeska Alvim

Todos os direitos reservados, inclusive o de reprodução total ou parcial, em qualquer meio.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Artistas convidadas: Allaráá di Souza, Allyne Pinheiro, Amanara Brandão, Andressa Silva, Daniele Silva, Denise Carneiro, Emilly Lamarão, Jaqueline Chagas, Jória Lima, Juliana Jaya, Marina Luckner, Núbia Alves, Sandra Buh, Sandréia Souza, Sarah Bicha, Stephanie Matos, Teo Nascimento, Thais Passos, Thaiz Lucksis, Val Barbosa, Valdete Souza e Zaine Diniz.

Capa: Betânia Avelar

Diagramação e projeto gráfico de miolo: Potira Manoela de Moraes

Edição: Andressa Batista

Revisão: Lyene Amaral

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária

Lidiane Garcia da Silva CRB 11/974

F685

Foco nelas: bastidores da cena teatral do Acre e de Rondônia. / Organização: Andressa Batista; Jessiane Gisele; Ana Paula Alab; Valeska Alvim - Porto Velho, RO: Semear Cultura, 2022.

162 p.

E-book, no formato PDF.
ISBN 978-65-00-47200-4

1. Teatro. 2. Mulheres. 3. Bastidores. 4. Acre. 5. Rondônia
I. Título.

CDD 792

As informações e imagens das seções Perfil e Entrevista são de responsabilidade exclusiva das artistas convidadas e não refletem, necessariamente, a opinião das organizadoras.

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA, VENDA PROIBIDA.

2022

Todos os direitos desta edição reservados à
SEMEAR CULTURA

www.semearcultura.com.br

<https://www.instagram.com/semearcultura/>

<https://www.facebook.com/semearcultura>

contato@semearcultura.com.br



Este projeto foi contemplado pelo Edital nº 31/2021/SEJUCEL-CODEC.

2ª Edição Marechal Rondon - Prêmio de Produção Literária, Fonográfica e Digital para Difusão de Expressões Culturais



SEJUCEL
Superintendência da
Juventude, Cultura, Esporte e Lazer



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



DEDICATÓRIA

Às que vieram antes, às que
coexistem comigo e às que virão
depois.

ANDRESSA BATISTA

A todas as mulheres que são
diariamente invisibilizadas na
sociedade patriarcal. Seguiremos e
resistiremos!

JESSIANE GISELE

Às mais de 600 mil vítimas da
covid-19 no Brasil, em especial às
mulheres que muitas vezes foram
a base de sustentação de seus
núcleos.

ANA PAULA ALAB

À Lara e a essa nova geração de
mulheres que desejo um mundo
em que possa se sentir completa,
buscar e batalhar por seus espaços
no mercado de trabalho, sejam quais
forem suas formas de realização.

VALESKA ALVIM

AGRADECIMENTOS

À Maria José do Carmo Batista, que me ensinou a ver a potência de um mundo de histórias que existe por trás de cada mulher.

À Valeska Alvim, que me instigou o olhar para os bastidores do teatro e para o universo de experiências possíveis ali.

À Betânia Avelar, que aposta em mim, muitas vezes mais do que eu mesma, e sempre me faz refletir sobre o que é ser mulher nesse mundo.

À Ana Paula Alab e à Jessiane Gisele, que embarcam em qualquer ideia que eu tenha, por mais louca e inventiva que ela possa parecer.

A cada uma das artistas que embarcou nessa jornada conosco.

À espiritualidade amiga, que é fonte de inspiração, sempre.

ANDRESSA BATISTA

À Dona Moça (in memoriam), à Noêmia e à Deusa, mulheres de minha vida, às quais dedico eterna gratidão.

Às minhas manas Andressa, Ana Paula, Adriana e Valeska, que compartilham comigo, há mais de quatorze anos, sonhos e conquistas.

Ao meu companheiro Eduardo, por me apoiar em todos os meus planos, por mais distantes que pareçam.

A todas as mulheres que participaram deste projeto.

JESSIANE GISELE

Aos meus pais, irmãos, família, que sempre foram e são apoios e incentivos nessa minha caminhada,

Às minhas amigas mais diversas, em especial Andressa e Jessiane, que estão na minha base de sustentação.

Ao meu companheiro Felipe, que sempre está atento e me motivando a alçar novos voos.

À minha avó, que, mesmo não estando nesse plano, segura minha mão e me ergue.

E a cada uma das mulheres que vieram antes, com o facão, desbravando esse caminho, e a todas que compartilharam desse livro.

ANA PAULA ALAB

Agradeço primeiramente à minha mãe, minha companheira de luta que apoia a realização de todos os projetos em que me envolvo. Às minhas irmãs pelo incentivo e encorajamento.

Às artistas que, muito gentilmente, compartilharam conosco suas histórias, suas experiências e todos os materiais para o livro - vocês exerceram um papel imprescindível na maturação do projeto.

Ao Marlon, pela compreensão e dedicação com que divide minhas angústias cotidianas e acadêmicas.

Agradeço às amigas e parceiras em diversas jornadas, Andressa Batista e Jessiane Gisele, pela coadjuvação, sinergia e solidariedade.

VALESKA ALVIM

SUMÁRIO

COMO COMEÇOU ESSA HISTÓRIA?

SEÇÃO 1 - OS PERFIS

ALLANÁ DĪ SOUZA	14
ALLYNE PINHEIRO	18
AMANARA BRANDÃO	22
ANDRESSA SILVA	26
DANIELE SILVA	30
DENISE CARNEIRO	34
EMILLY LAMARÃO	38
JAQUELINE CHAGAS	42
JÓRIA LIMA	46
JULIANA JAYA	50
MARINA LUCKNER	54
NÚBIA ALVES	58
SANDRA BUH	62
SANDRÉIA SOUZA	66
SARAH BICHA	70
STEPHANIE MATOS	74
TEO NASCIMENTO	78
THAIS PASSOS	82
THAIZ LUCKSIS	86
VAL BARBOSA	90
VALDETE SOUSA	94
ZAINE DINIZ	98

SEÇÃO 2 - AS ENTREVISTAS

ALLANÁ DĪ SOUZA	103
DENISE CARNEIRO	107
JÓRIA LIMA	111
JULIANA JAYA	114
SANDRA BUH	118
SARAH BICHA	121
TEO NASCIMENTO	124
THAIZ LUCKSIS	128
VALDETE SOUSA	133
ZAINE DINIZ	139

SEÇÃO 3 - AS ORGANIZADORAS

ANDRESSA BATISTA	144
JESSIANE GISELE	148
ANA PAULA ALAB	152
VALESKA ALVIM	156

ALGUMAS PALAVRAS LANÇADAS NO CAMINHO...

COMO COMEÇOU ESSA HISTÓRIA?

Um dia, que não era chuvoso, mas que, por ser na Amazônia, bem poderia ter sido, uma ideia atravessa mais um dia atarefado: por que não criar uma forma de conhecer as tantas mulheres que trabalham nos bastidores do teatro?

Que o plano era ambicioso, é o mínimo que podemos dizer. Mas sempre tivemos a certeza que sonhar pequeno dá o mesmo trabalho que sonhar grande. É assim que, em meios a idas e vindas, encaminhamos esse projeto para ser apreciado pela curadoria do edital¹. O projeto foi aprovado e o próximo passo, ou a primeira de muitas dúvidas, desenhou-se: por onde começar?

Congregando os lugares de atuação e de afeto das organizadoras desta obra, o projeto foi pensado para abarcar um universo de mulheres que trabalham nos estados do Acre e de Rondônia, em uma das seguintes áreas

.....

1 PROJETO APROVADO NO EDITAL Nº 31/2021/SEJUCEL-CODEC / 2ª EDIÇÃO MARECHAL RONDON, PRÊMIO DE PRODUÇÃO LITERÁRIA, FONOGRAFICA E DIGITAL PARA DIFUSÃO DE EXPRESSÕES CULTURAIS VIABILIZADO COM RECURSOS DA LEI ALDIR BLANC.

do teatro: cenografia, figurino, gestão, iluminação, maquiagem, produção, sonoplastia e direção.

A tarefa que parecia difícil desde sempre se mostrou muito mais complexa do que imaginávamos. Várias dúvidas nos rondavam: como selecionar as mulheres que participariam do livro? Como encontrá-las? Como abordá-las? Como nos pedir para contar suas histórias? Depois de muitas reuniões, definimos, por fim, lançar um questionário fechado, com perguntas que nos ajudariam a identificar o perfil das possíveis participantes, sabendo de antemão que ele não daria conta de alcançar a todas, mas que poderia ser uma tentativa de democratizar, de alguma forma, o acesso e participação no livro. Nesse questionário, obtivemos um total de 36 respostas válidas, das quais 19 eram provenientes do estado do Acre e 16 do estado de Rondônia.

Diante desses números, pensamos: como definir quais irão participar? Quais critérios poderiam ser justos o bastante? Tentamos pensar em vários cruzamentos. Dúvidas nos inquietaram e nos incentivaram a considerar as seguintes questões: tempo de atuação na área, diversidade de técnicas envolvidas, diversidade étnica, quantidade de mulheres atuantes na capital x quantidade de mulheres atuantes nas cidades do interior dos estados, pessoas com deficiência, geracionalidade, dentre muitas outras. Porém, por mais que usássemos esses critérios, ainda não chegávamos a um lugar sem incômodo para nenhuma de nós. Como buscar visibilizar o trabalho de umas ao mesmo tempo em que descartamos o de outras? A ideia de abandono nos atravessava. De repente, perdemos o brilho, e as então selecionadas nos pareciam menos importantes do que as tantas que ficariam "de fora". Então veio o questionamento principal: conseguimos encaminhar um formato que mantenha todas essas mulheres, que não as elimine?

Obviamente em um projeto de qualquer natureza, mas sobretudo os de natureza cultural, nos é colocada a necessidade de realizar escolhas, selecionar, estabelecer diferenças. Contudo, nesse caso, optamos por sermos teimosas, por irmos na contramão do modelo que já é feito e que, em alguma medida, privilegia uns em detrimento de outros. Foi assim que surgiu a primeira seção deste livro: Os Perfis.

A solução que encontramos para tamanhas inquietações foi incluir TODAS as artistas que quisessem participar do livro. Assim, encaminhamos e-mail explicando o projeto e as convidando para complementar as informações do formulário. Todas aquelas que responderam com as informações solicitadas estão aqui, na seção Os Perfis, e você pode conhecê-las, ainda que brevemente.

Ao acessar essa seção, será possível perceber que, das 39 iniciais, um número menor completou o perfil e está neste livro. Entendemos, contudo, que a não adesão também é um dado. Muitas mulheres relataram as dificuldades de encontrar fotos do próprio trabalho, de ter comprovação das funções que exerceram e que perceberam, agora, no momento de montar seus perfis, que seus nomes sequer aparecem nas fichas técnicas dos espetáculos em que trabalharam. Importa dizer também que algumas mulheres não conseguiram concluir sua participação nesta obra por diversos outros motivos que atravessam o cotidiano do que significa ser mulher no mundo. Questões como jornadas duplas e triplas, por exemplo, são um dos fatores que acarretaram na indisponibilidade de tempo para evidenciar o próprio trabalho por meio dessa publicação. São questões que, com certeza, abrem camadas para outras reflexões.

Além desse breve perfil inicial, algumas mulheres compõem a segunda seção deste livro: As Entrevistas. Estas foram selecionadas por sua relevância no cenário cultural de cada estado, seja pela sua trajetória artística, seja pelo seu trabalho em uma área de bastidor específica, seja por sua atuação em seu território ou, ainda, pelo engajamento com que firmemente segue fazendo teatro, independentemente das condições adversas.

Cada uma dessas mulheres recebeu um questionário com as mesmas perguntas, sem especificação por área específica, pois ficou evidente que muitas delas não eram apenas cenógrafas, figurinistas, gestoras, iluminadoras, maquiadoras, produtoras, sonoplastas e diretoras. Eram muitas dessas funções em uma só. Isso nos fala, evidentemente, sobre a precarização da cadeia produtiva da cultura, e da escassez de recursos para a área. Ainda assim, percebemos pelas respostas que há um olhar que desafia a conjuntura e que, provavelmente, seja um dos

motivos pelo qual o teatro resiste ao longo dos tempos, com pandemia ou não. Nessa segunda seção, você poderá conhecer um pouco mais sobre essas artistas.

Por fim, na terceira seção, *As Organizadoras*, você encontra o perfil das organizadoras desta obra, nossas áreas de atuação em específico e, no final do livro, encontra as formas de entrar em contato com cada uma de nós.

Nosso desejo com este trabalho é abrir espaço para conhecer outras mulheres, parceiras de trabalhos, “manas” da cena. Esperamos que você aprecie este livro em sua diversidade de pontos de vista e modos de abordar as mulheres e suas funções no teatro. Ficaremos felizes de ouvir suas impressões sobre esta obra, então nos contate para isso e outras construções de pensamento coletivo.

ANDRESSA BATISTA

JESSIANE GISELE

ANA PAULA ALAB

VALESKA ALVIM

SEÇÃO 1

OS PERFIS



ALLAÑÁ Dİ SOUZA

Allana Khristie de Souza Roque, conhecida artisticamente como Allañá dī Souza, tem 30 anos, nasceu em Rio Branco/AC, entende-se como uma mulher cisgênero, parda e sem deficiência. Trabalha na mesma cidade em que nasceu, afirma que o teatro é sua ocupação principal e que **atua especificamente nas áreas de atuação, cenografia, figurino, maquiagem e direção de arte** há cerca de 10 anos.

MINI-BIO:

Alläna Di Souzä, mulher cis, bissexual, acriana, militante comunista, figurinista, aderecista, artesã, artista plástica, atriz, maquiadora, cenografa e diretora de arte. Acadêmica de Teatro pela Universidade Federal do Acre. Pelos caminhos férteis da Amazônia, Allana Di Souza trabalha há 10 anos no universo das artes. Transitando por diversos grupos e artistas independentes, como Tambor de Fulô e seus Cravos, Moças do Samba, Cia - tanto de lá quanto de cá - Poc's, coletiva Es Tetetas, Manifesto Cênico Flecha, entre muitos outros. Apaixonada pela magia do cinema, teatro e das artes visuais, atua na cidade de Rio Branco e anda se aventurando na escrita. Tatuadora aprendiz há 01 ano, e adaptando-se às mais diversas condições de trabalho, atenta-se para sempre manter sua arte política e poética.

PRINCIPAIS TRABALHOS:

- ▶ Atuação e figurino no espetáculo A Serpente, de Nelson Rodrigues, pela Cia A Firma (2012);
- ▶ Direção de arte, cenografia, figurino e maquiagem no espetáculo Oração Para Um Pé De Chinelo (2015 a 2017);
- ▶ Atuação, direção de arte, figurino, maquiagem e cenografia do espetáculo Noite de Diabo Danado (2016);
- ▶ Atuação e criação coletiva no “Manifesto Cênico Flecha” (2017 e 2018);
- ▶ Figurino da peça teatral “As malcriadas”, da Coletiva Teatral Es Tetetas (2019);
- ▶ Figurino e maquiagem para o show do Festival Cabeça de Nega (2021);
- ▶ Maquiagem do curta-metragem “Correria”, do diretor Silvio Margarido (2021).

O QUE PENSA:

“Eu penso muitas coisas diferentes sobre o início da minha estrada. Ao mesmo tempo que eu me sinto incomodada com certos lugares, também me sinto um pouco obsoleta, diante do tipo de teatro que eu comecei a fazer no começo da carreira. No momento, sinto que preciso dar uma fertilizada no meu trabalho para conseguir continuar caminhando. O meu processo é muito textocêntrico, ou sempre parte de um tema, e eu fico muito atenta ao equilíbrio geral do espetáculo; porque, se não tiver unidade, penso que não vai funcionar.”

CONTATO:

✉ abruxapurpuraegrena@gmail.com



Bastidores do trabalho Correia (2019) -
arquivo pessoal.



Registro do processo do show do Festival
Cabeça de Nega (2021) - arquivo pessoal.



ALLYNE PINHEIRO

Allyne da Silva Teixeira, conhecida artisticamente como Allyne Pinheiro, tem 33 anos, nasceu em Cacoal/RO, entende-se como uma mulher cis-gênero, preta e sem deficiência. Trabalha na mesma cidade em que nasceu, afirma que o teatro não é sua ocupação principal e que **atua especificamente nas áreas de atuação, cenografia, figurino, gestão, iluminação, maquiagem, produção, sonoplastia e direção**, há cerca de 15 anos.

MINI-BIO:

Atriz, artista, diretora de cinema e teatro, professora de teatro, autora, produtora audiovisual e especialista em gênero e diversidade na Escola. Iniciou nas artes com o teatro, em 2003, na cidade de Cacoal-RO, atuando em cerca de cinco peças no período de três anos, tendo se apresentado em diversas temporadas, somando cerca de 200 apresentações. Dirigiu a peça Tal Pai, Tal Filho. Apaixonada por um pouco de tudo nas artes. Fez alguns semestres de teatro na UniverCidade da Cidade, no Rio de Janeiro. Atuou na minissérie A CURA, da Rede Globo, em 2010, participou de diversos curtas e um clipe musical. Formou-se em Produção Audiovisual em 2015. Roteirizou, dirigiu e produziu dois curtas e um videoclipe no período em que cursava a faculdade. Atua na área de Produção desde 2005. Em 2013, estagiou na Rede Record e também trabalhou na Produtora Casablanca em 2016. Ministrou aulas de teatro para crianças, adolescentes e adultos, em um período de oito meses, em 2017, através de um projeto social pela prefeitura de Cacoal. Na formatura do curso, dirigiu a peça BOLADAMENTE, apresentada e criada pelos alunos. Último curta lançado: Seus Olhos - online, em abril de 2021.

PRINCIPAIS TRABALHOS:

- ▶ Figurino, maquiagem e produção do espetáculo teatral Gaiola das Loucas (2006);
- ▶ Direção, produção e figurino do espetáculo teatral Tal Pai, Tal Filho (2006);
- ▶ Direção, produção, figurino e cenário do espetáculo teatral Boladamente (2017);
- ▶ Roteiro, direção e produção curta Seus Olhos (2021).

O QUE PENSA:

“A arte é política e os nossos discursos e posicionamentos impactam em nossas produções. Por muito tempo, foram contadas história sobre nós, mulheres, pretas, periféricas e/ou LGBTQIA+, sem a nossa presença ou com nossa presença apenas como participantes da obra... Penso que é hora de nossas histórias serem contadas com nossas vozes. Em breve, lanço o curta A Lenda da Sapatoná da Façona, gravado em 2021 e finalizado em 2022”.

CONTATO:

✉ allynepinheiroprod@gmail.com



Direção, produção e figurino do espetáculo teatral Tal Pai, Tal Filho (2006) - arquivo pessoal.



Direção, produção, figurino e cenário do espetáculo teatral Boladamente (2017) - arquivo pessoal.



AMANARA BRANDÃO

Amanara Brandão dos Santos Lube, conhecida artisticamente como Amanara Brandão, tem 24 anos, nasceu em Porto Velho/RO, entende-se como uma mulher cisgênero, preta e sem deficiência. Trabalha na mesma cidade em que nasceu, afirma que o teatro é sua ocupação principal, e que **atua especificamente nas áreas de atuação, gestão, produção, sonoplastia, direção, dramaturgia e curadoria** há cerca de 08 anos.

MINI-BIO:

Amanara Brandão Lube (24/11/97, Porto Velho/RO), artista afroamazônida. Atua na cena teatral nacional desde 2014, com o grupo O Imaginário, e desenvolve trabalhos independentes como escritora, produtora cultural, performer e artista-pesquisadora em *Performance Art*. É graduada em Teatro pela Universidade Federal de Rondônia.

PRINCIPAIS TRABALHOS:

- ▶ Atuação no Espetáculo As Mulheres do Aluá (2014);
- ▶ Assistência de produção do Festival Amazônia Encena na Rua (2017, 2021 e 2022);
- ▶ Produção, direção, autoria e atuação do curta-metragem Sobre pele, palavras e decomposição (2021);
- ▶ Produção, pesquisa, performance e direção das videoperformances e textos da pesquisa Uma Estética dos Restos (2021);
- ▶ Assistência de produção da Mostra Tapiri (2022);
- ▶ Assistência de produção do Festival dos Invisíveis (2022).

O QUE PENSA:

“Sendo multiartista afroamazônida, jovem e periférica, foi na produção cultural, na escrita e na direção que encontrei/criei solo fértil para plantar meu fazer artístico e disseminar minha estética e poética. A experiência com a produção cultural e os bastidores das criações artísticas iniciou-se com meu trabalho junto ao grupo O Imaginário, com o qual, no decorrer dos últimos oito anos, além de atuar, pude aprender diversas outras funções relacionadas ao fazer artístico. Mas apenas nos últimos dois anos foi que senti a segurança e a necessidade de produzir projetos independentes de maior alcance, nos quais assumi o desafio de ser multifunções – assim criando espaço e circunstâncias para difundir também minha escrita, produção, direção e pesquisa. Ampliando os horizontes, também tenho feito curadoria para Festivais e Mostras, e seguido no caminho da direção audiovisual e teatral”.

CONTATO:

✉ amanarabrandao@gmail.com



Produção, direção, texto e performance do curta-metragem Sobre pele, palavras e decomposição (2021) - arquivo pessoal.



Produção, pesquisa, direção, autoria e performance das videoperformances e textos da pesquisa "Uma Estética dos Restos" (2021) - arquivo pessoal.



ANDRESSA SILVA

Andressa da Silva, conhecida artisticamente como Andressa Silva, tem 28 anos, nasceu em Porto Velho/RO, entende-se como uma mulher cisgênero, parda e sem deficiência. Trabalha na mesma cidade em que nasceu, afirma que o teatro não é sua ocupação principal, e que **atua especificamente nas áreas de atuação, gestão e produção** há cerca de 12 anos.

MINI-BIO:

Andressa Silva, atriz, performer, bailarina, escritora, produtora e professora. É mulher amazônica, natural de Porto Velho/RO, na cena teatral há 12 anos. Com a obra VÁCUO, recebeu o Prêmio de melhor performance/RO, no Festival Elas por Elas, em 2019, e Prêmio Mary Cyanne - Aldir Blanc em 2021. É artista-pesquisadora das expressões cênicas por um pensamento de decolonização. Possui formação técnica em Artes Cênicas, é atriz na Beradera Companhia de Teatro e Professora de Teatro e Ballet na EBA, em Porto Velho - RO.

PRINCIPAIS TRABALHOS:

- ▶ Atuação e assistente de figurino nos espetáculos Meu Boi Precioso e Os Sete Gatinhos (2011);
- ▶ Atuação, pesquisa e assistente de produção no espetáculo Lete (2013) e Saga Beradera (2015);
- ▶ Atuação e produção na Mostra de 40 anos do Teatro Vento Forte em São Paulo - SP (2014);
- ▶ Atuação, dançarina criadora e assistente de produção no Festival Cultural de Nazaré - Baixo Madeira (2015 a 2019);
- ▶ Atuação na circulação do espetáculo Lete, no Amazônia das Artes (2015), e Palco Giratório (2017);
- ▶ Performance e produtora na obra VÁCUO desde (2019);
- ▶ Atuação e assistente de produção no espetáculo ÌFÉ (2019).

O QUE PENSA:

“Sou uma artista amazônica que une sua arte a sua realidade, o meu princípio é a provocação. O que eu crio antes me atravessou, me remoeu até ser criação. Me sinto em desconstrução constante, pois sei que estou inserida em um país/estado extremamente colonizado, vivo em busca de minha ancestralidade, de minha memória e identidade. E, através disso, encontro quem sou por saber quem foram os meus; em suas histórias encontro pulsação para CRIAR a minha própria, mas dessa vez com a maior liberdade e arte que eu puder alcançar”.

CONTATO:

✉ manacultural@gmail.com



Primeiro vestígio de experimentação sobre as inquietações para criar a performance VÍCUO, na feira livre em volta do Mercado Municipal de Recife/PE (2018) - arquivo pessoal.



Registro do processo do show do Festival Cabeça de Nega (2021) - arquivo pessoal.



DANIELE SILVA

Daniele Silva dos Santos, conhecida artisticamente como Daniele Silva, tem 33 anos, nasceu em Ji-Paraná/RO, entende-se como uma mulher cisgênero, branca e sem deficiência. Trabalha na mesma cidade em que nasceu, afirma que o teatro não é sua ocupação principal, e que **atua especificamente nas áreas de atuação, cenografia, figurino, gestão, maquiagem, produção e dramaturgia** há cerca de 08 anos.

MINI-BIO:

Graduada em Artes Visuais, pelo Claretiano. Exerce as funções de Arte-Educadora, Contadora de História, Titereira, Compositora, Escritora, Dramaturga, Maquiadora Cênica e Produtora Cultural. Trabalha há 15 anos na área do teatro, tendo participado como atriz em mais de 10 espetáculos e dramaturga em mais de 07 peças infantis. Atua como produtora de eventos voltados ao público infantil, como o Guirii - Festival Amazônico de Contação de História e o Bate-papo Animado. É responsável pelo blog "Contação de História".

PRINCIPAIS TRABALHOS:

- ▶ Idealização da Produtora Cultural Fada Inad (2015);
- ▶ Coordenação do projeto Uni Duni Teatro (2017);
- ▶ Produção do espetáculo O Último Dragão do Norte (2019);
- ▶ Composição do CD Um Brilho de Felicidade (2019);
- ▶ Produção da Semana Online de Contação de História (2020);
- ▶ Produção de 7 edições do Sarau Infantil da Fada Inad (de 2017 a 2021);
- ▶ Autoria do Livro Infantil Guirii e a Árvore da Vida (2021);
- ▶ Produção de 2 edições do Guirii - Festival Amazônico de Contação de História (2021 e 2022).

O QUE PENSA:

“Minha missão de vida e trabalho é transformar o futuro das crianças, através da educação e da arte. E em torno disso giram minhas pesquisas, criações e produções. Os desafios são muitos, pois arte para criança muitas vezes é vista com menor importância até mesmo no meio artístico, visto a diferença de cachê previstos por alguns órgãos reguladores. Mas sigo em frente, planejo alcançar o máximo de crianças possível, através de livros, espetáculos, músicas, oficinas artísticas, festivais e muito mais!”

CONTATO:

 danifadainad@gmail.com



Sessão de autógrafos do livro infantil Guiriri e a Árvore da Vida (2021) - arquivo pessoal.



Espetáculo O Último Dragão do Norte (2019) - arquivo pessoal.



DENISE CARNEIRO

Denise Oliveira Carneiro, conhecida artisticamente como Denise Carneiro, tem 44 anos, nasceu em Rio Branco/AC, entende-se como uma mulher cisgênero, parda e sem deficiência. Trabalha na mesma cidade em que nasceu, afirma que o teatro é sua ocupação principal, e que **atua especificamente nas áreas de gestão e produção** há cerca de 09 anos.

MINI-BIO:

Denise Oliveira é estudante de pedagogia e tem uma vasta experiência na área de gestão e produção cultural. Atou mais de 10 anos na gestão pública, na produção de projetos e eventos culturais. Também atuou em importantes ações e projetos como produtora cultural de shows musicais, espetáculos de teatro, lançamentos de livros e no audiovisual, bem como assistente de produção.

PRINCIPAIS TRABALHOS:

- ▶ Assistência de produção no Festival Varadouro (2007 a 2010);
- ▶ Assistência de produção no Arraial Cultural (2007 a 2012 e 2016 a 2018);
- ▶ Assistência de produção no Balé Folclórico da Bahia - Espetáculo Herança Sagrada (2014);
- ▶ Assistência de produção no Música na Estrada (2014 a 2016);
- ▶ Assistência de produção no Festival internacional - Cinema de Fronteira (2016, 2017, 2018, 2019 e 2022);
- ▶ Assistência de produção do Longa Metragem Noites Alienígenas (2018);
- ▶ Produção de campo no show Boca de Mulher (2021).

O QUE PENSA:

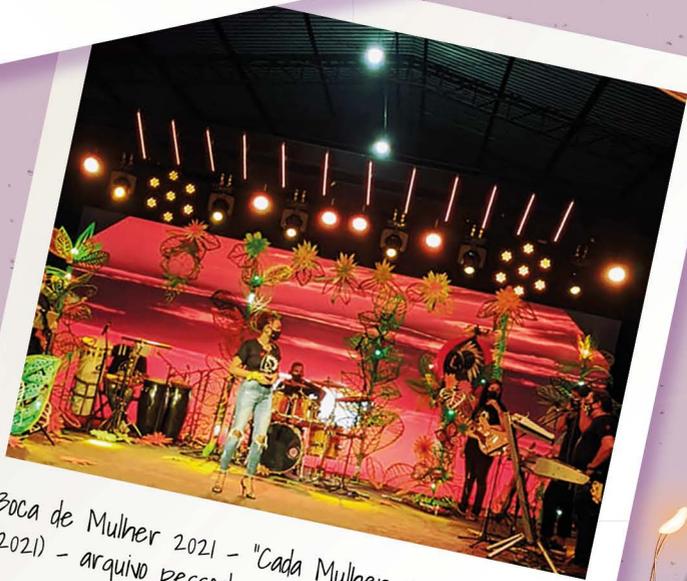
“Trabalhar com produção cultural nunca foi um desejo, ela caiu no meu colo como um presente. Enfrentei muitos desafios, muitos medos e inseguranças e, ao fim de todas as produções, eu saía mais madura, forte e grata pela oportunidade que a mim foi confiada”.

CONTATO:

 denyoliv8@gmail.com



Espetáculo Bullin'g, que bicho é esse? (2021) - arquivo pessoal.



Boca de Mulher 2021 - "Cada Mulher uma Semente" (2021) - arquivo pessoal.



EMILLY LAMARÃO

Joziemile Lamarão Bezerra, conhecida artisticamente como Emilly Lamarão, tem 33 anos, nasceu em Porto Velho/RO, entende-se como uma mulher cisgênero, preta e sem deficiência. Trabalha na mesma cidade em que nasceu, afirma que o teatro é sua ocupação principal e que **atua especificamente na área de produção** há cerca de 11 anos.

MINI-BIO:

Emilly Lamarão, rondoniense, nascida em Porto Velho, cursa o 4º período de Produção Cultural pela Faculdade Cruzeiro do Sul. Atuante há mais de 10 anos no cenário cultural na cidade de Porto Velho, iniciou na produção cultural produzindo o espetáculo Stand Up Locomédia, e logo após trabalhou como produtora em instituições públicas e privadas. Atualmente trabalha com produções independentes junto a artistas e grupos de artes cênicas, música e cinema.

PRINCIPAIS TRABALHOS:

- ▶ Assistência de produção no Projeto Locomotiva da Comédia – Stand Up: Melhores do Mundo - Marco Luque, Nanny People, Diogo Portugal, Oscar Filho e Bem Ludmer (2009-2010);
- ▶ Assistência de produção no Festival Palco Giratório Sesc/RO (2015-2019);
- ▶ Produção no Festival Amazônia EnCena na Rua (2015);
- ▶ Produção no projeto Amazônia das Artes (2016-2017);
- ▶ Assistência de produção no Festival de Cinema – CINERO (2021);
- ▶ Assistência de produção nos clipes musicais Futuro e Pachamama (2021);
- ▶ Produção do espetáculo circense Pernas pro Ar (2021);
- ▶ Produção da Oficina de Redes Sociais para os Artistas (2022);
- ▶ Produção do curta-metragem “Ela mora logo ali” (2022).

O QUE PENSA:

“Desde o meu primeiro trabalho de assistente de produção, consegui identificar o que eu queria ali, a vontade de estar ali e desenvolver meu trabalho naquela área. Aos poucos tudo foi se ‘construindo’ para que eu definisse a minha real profissão de produtora cultural e, no decorrer dessa trajetória, conheci pessoas que foram plantando em mim muito mais a vontade de trabalhar nessa área. Foi uma das sensações mais satisfatória que eu tive, pois aos poucos fui tendo a certeza da minha vocação dentro da arte. E hoje, graças ao meu prazer e à força de vontade que tenho de crescer mais e mais e juntar nesse percurso pessoas que possam estar contribuindo para o meu crescimento, acredito que, sim, eu escolhi a profissão certa”.

CONTATO:

✉ emillyprodutora@eproducoes.net



Produção executiva do Festival Palco Giratório Sesc/RO - da esquerda para a direita, Andressa Batista e Emily Lamarão (2018) - arquivo pessoal.



Produção da ação de Mediação Cultural do Festival Palco Giratório Sesc/RO (2019) - arquivo pessoal.



JAQUELINE CHAGAS

Maria Jaqueline Nascimento das Chagas, conhecida artisticamente como Jaqueline Chagas, tem 24 anos, nasceu em Tarauacá/AC, entende-se como uma mulher cisgênero, indígena e sem deficiência. Trabalha em Rio Branco/AC, afirma que o teatro é sua ocupação principal e que **atua especificamente nas áreas de atuação, gestão, iluminação e produção** há cerca de 07 anos.

MINI-BIO:

Nascida no seringal Transval em Tarauacá, formada com licenciatura plena em Artes Cênicas: Teatro pela Universidade Federal do Acre, uma das fundadoras da Associação Informal Teatro Candeeiro, desde 2016. Atuante na área da atuação, dramaturgia, direção, iluminação e produção cultural. Ganhadora do prêmio Nacional Arcanjo de Cultura, pela peça "Afluentes Acreanas", e terceiro lugar no Prêmio Municipal de Literatura, pela mesma peça.

PRINCIPAIS TRABALHOS:

- ▶ Produção do Musical O Mambembe (2018);
- ▶ Direção e iluminação do espetáculo Liberdade, Liberdade (2019);
- ▶ Produção e iluminação do espetáculo Depois de Dora (2020/2021);
- ▶ Direção, iluminação e direção de arte do espetáculo Afluentes Acreanas (2020/2021);
- ▶ Produção do espetáculo Uma Lição Longe Demais (2021);
- ▶ Direção de arte em O Fiandeiro de Tempos (2021);
- ▶ Produção do show Um Resgate ao Choro Acreano (2022).

O QUE PENSA:

“Desde meu início, sempre aprendi muito observando... Fiz poucos cursos ou especializações nas áreas em que trabalho, mas desde meu primeiro interesse pude conhecer pessoas que facilitaram minha aprendizagem e, daí em diante, aprendi por conta própria, experimentando e seguindo aquilo que minha intuição artística mandava. Mesmo com poucos anos de trabalho, acredito que a prática tem sido minha aliada para melhorar meu fazer artístico”.

CONTATO:

✉ mariajaquelinenascimentochagas@gmail.com



Iluminação, direção e dramaturgia do espetáculo Afluentes Acreanas (2019) - arquivo pessoal



Iluminação, produção e atuação do espetáculo Depois de Dora (2021) - arquivo pessoal.



JÓRIA LIMA

Jória Baptista de Souza Lima, conhecida artisticamente como Jória Lima, tem 50 anos, nasceu em Manaus/AM, entende-se como uma mulher cisgênero, parda e sem deficiência. Trabalha em Porto Velho/RO, afirma que o teatro não é sua ocupação principal e que **atua especificamente nas áreas de atuação, gestão, produção, dramaturgia e direção** há cerca de 32 anos.

MINI-BIO:

Dramaturga, atriz, diretora e produtora cultural, fundadora da Anôma-de Cia de Teatro (2011), advogada, business coach, analista comportamental e empresária do ramo da educação e cultura. Graduada em Direito pela UFMG (1994). Mestre em Letras pela UNIR/2018. Especialista em Administração Pública pela UNIR(2007). Especialista em Arte Contemporânea pela PUC/MG (2001). Secretária Municipal de Cultura do Município de Porto Velho de 2013/2014 e vice/2017.

PRINCIPAIS TRABALHOS:

- ▶ Dramaturgia de "Filhas da Mata"- prêmio Funarte de Dramaturgia (2009);
- ▶ Direção de "Os sete gatinhos", de Nelson Rodrigues (2010);
- ▶ Direção de "A Casa de Bernarda Alba", de Federíco García Lorca (2011);
- ▶ Direção, produção e atuação em "Álbum de Família" (2012), vencedora do Prêmio Nelson Brasil Rodrigues, prêmio de melhor atriz no Festival do Amazonas;
- ▶ Dramaturgia, produção e direção do "Cabaret, paródia do amor romântico" (2012), Prêmio Funarte palco e rua.

O QUE PENSA:

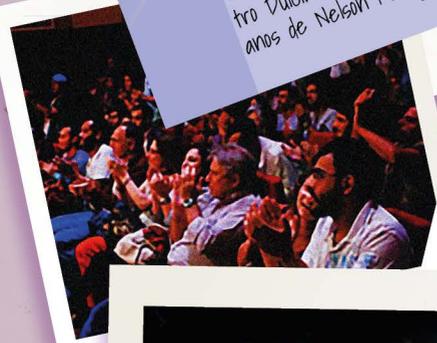
"Os planos para o futuro é viver intensamente o presente, continuar escrevendo projetos, realizando sonhos, trabalhando em equipe, produzir novos roteiros audiovisuais, dramaturgia e livros".

CONTATO:

✉ jorialima@gmail.com



Espectáculo Album de Família Temporada no Teatro Dulcina/RJ - Festival A Gosto de Nelson - 100 anos de Nelson Rodrigues (2012) - arquivo pessoal



Espectáculo Cabaret, paródia do amor romântico, direção e dramaturgia de Jória Lima. Apresentação na Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, PVH/RO (2012). Elenco: Cláudio Zarco, Caio Setúbal, Eli Moreno, Jamilla Marques, Liliane Cavalcante. Sonoplastia: Sandro Bacelar. Equipe de apoio: Alexandre Lemos, Ray Maciel, Poliana Alves - arquivo pessoal.



JULIANA JAYA

Juliana Feitosa Albuquerque, conhecida artisticamente como Juliana Jaya, tem 30 anos, nasceu em Rio Branco/AC, entende-se como uma mulher cisgênero e sem deficiência. Trabalha na mesma cidade em que nasceu, afirma que o teatro não é sua ocupação principal e que **atua especificamente nas áreas de atuação, figurino, maquiagem e produção** há cerca de 14 anos.

MINI-BIO:

Juliana Albuquerque é atriz, figurinista e maquiadora, integrante do Grupo Beco, com o nome artístico Juliana Jaya. Mestre e doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade, e Graduada em Artes Cênicas pela UFAC. Possui experiência na área de Artes, com ênfase em Teatro, atuando principalmente com os seguintes temas: arte e cultura, história do teatro, linguagens e identidades amazônicas, estética, caracterização, corpo e dramaturgia.

PRINCIPAIS TRABALHOS:

- ▶ Atuação, figurino e dramaturgia de Beco do Mijo (2013);
- ▶ Caracterização (2017) e figurino de Indocumentados (2015);
- ▶ Figurino e caracterização de O que era e não é mais (2018);
- ▶ Maquiagem e figurino de As Aventuras de Tampinha (2019);
- ▶ Figurino e caracterização de Memórias de Rádio (2020);

O QUE PENSA:

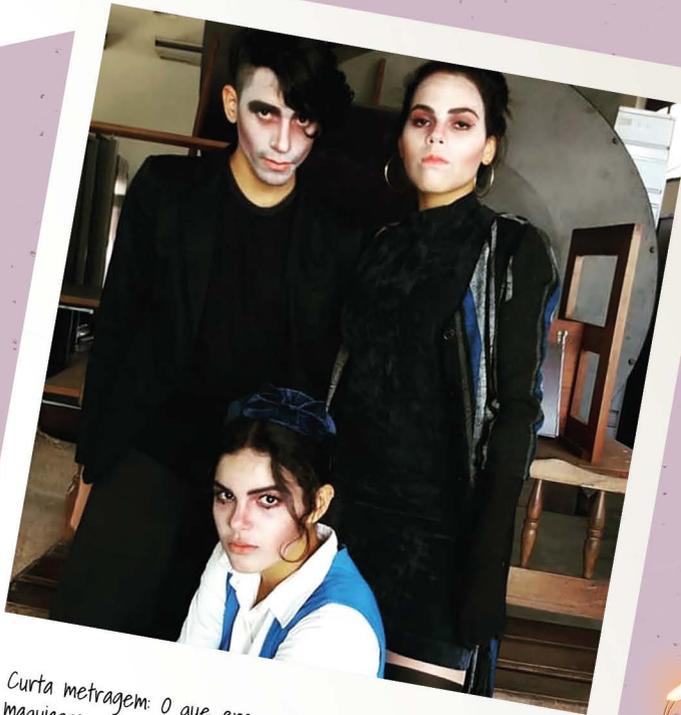
“É difícil neste momento planejar o futuro em um planeta pós-pandêmico, se é que se pode dizer que a pandemia já pertence ao passado. De qualquer modo, neste momento, meu foco está direcionado ao processo de doutoramento iniciado em 2021, o qual contempla, como um dos objetivos do projeto, a pesquisa sobre a visualidade cênica nas peças de dois dramaturgos de Rio Branco, Acre, atuantes nas décadas de 1970-90. Acredito que meus planos para o futuro são seguir estudando e produzindo artisticamente”.

CONTATO:

✉ juliana.falbuquerque@gmail.com



Croqui de figurino para o espetáculo Beco do Mijó (2013) - arquivo pessoal.



Curta metragem: O que era e não é mais (2019). Indumentária, maquiagem e caracterização. Atores: Weverton, Flávia e Deusa Maria. Foto: arquivo pessoal.



MARINA LUCKNER

Marina Vaz Luckner, conhecida artisticamente como Marina Luckner, tem 26 anos, nasceu em Iporã/PR, entende-se como uma mulher cisgênero, branca e sem deficiência. Trabalha em Rio Branco/AC, afirma que o teatro é sua ocupação principal, e que **atua especificamente nas áreas de atuação, iluminação, maquiagem e produção** há cerca de 11 anos.

MINI-BIO:

Paranaense de nascença, mas acriana de coração, chegou ao Acre com nove anos, mas só com 15 anos começou de fato a se envolver com arte. Aos 16 anos, iniciou em uma oficina de teatro, todavia somente aos 19 anos entrou em um grupo de teatro no qual começou sua pesquisa e onde trabalha até hoje, dentre as tantas oficinas, curso e locais com os quais se envolveu. Hoje é atriz, dançarina, maquiadora, iluminadora, enfim, amante da arte.

PRINCIPAIS TRABALHOS:

- ▶ Maquiagem e iluminação do espetáculo Ikuani, no Festival Internacional Antisuyuk, na cidade de El Coca no Equador (2019);
- ▶ Maquiagem e iluminação do espetáculo Ikuani do Projeto "Identidades Amazônidas" (2021);
- ▶ Maquiagem do espetáculo Correrias do Projeto "Identidades Amazônidas" (2021);
- ▶ Ministrante do Workshop "Iniciação à dança de salão", no evento X Mostra Garatuja de Dança e III Fedaquiry (2021);
- ▶ Atuação no espetáculo "O boto", da Cia Fluxo de dança, apresentado no III Fedaquiry (2021);
- ▶ Ministrante da oficina "Dos traços há Luz", pelo projeto Plataforma Cena 2021 do Sesc, Departamento Nacional (2021).

O QUE PENSA:

"Todo trabalho e processo que realizo vêm de um processo de pesquisa, e cada processo de pesquisa tem seus desafios, na maioria das vezes, a dificuldade de conseguir informações. Para o futuro independente dos trabalhos que farei, valorizar a cultura de onde vivo é a prioridade".

CONTATO:

✉ marina.vaz.mvl@gmail.com



Processo de maquiagem do 2º Seminário de Mitologia Indígena da Cia Garatuja de Artes Cênicas (2014) - arquivo pessoal.



Maquiagem final para o personagem Jiboia, no espetáculo A Saga de Yuba, da Cia Garatuja de Artes Cênicas (2021) - arquivo pessoal.



NÚBIA ALVES

Núbia Aparecida Alves, conhecida artisticamente como Núbia Alves, tem 36 anos, nasceu em São Paulo/SP, entende-se como uma mulher cis-gênero, parda e sem deficiência. Trabalha em Rio Branco/AC, afirma que o teatro é sua ocupação principal, e que **atua especificamente nas áreas de atuação, produção e sonoplastia** há cerca de 18 anos.

MINI-BIO:

Atriz e dançarina desde os 17 anos, sempre foi envolvida totalmente na arte e, como no Acre não se pode ser somente artista de cena, precisou aprender a estar por trás das cenas, com o pensamento artístico mais principiante técnico. Então buscou formação através de cursos e principalmente por meio da vivência diária, com os trabalhos desenvolvidos pela Cia. Garatuja, com o trabalho na produção executiva, sonoplastia e cenário dos espetáculos.

PRINCIPAIS TRABALHOS:

- ▶ Produção na I Mostra Garatuja de Dança (2004);
- ▶ Bailarina na II Mostra Garatuja de Dança (2005);
- ▶ Produção executiva no III FESTAC – produção executiva (2004);
- ▶ Produção do espetáculo Saga de Yo Bá, Projeto Jamaxi Cultural (2017 e 2018);
- ▶ Produção do III Festival de Dança de Rio Branco (2019);
- ▶ Produção do III Fórum de Dança do Acre (2018);
- ▶ Sonoplastia da IX Mostra Garatuja de Dança II Ato (2018);
- ▶ Sonoplastia do espetáculo Saga de Yo Bá (2019);
- ▶ Sonoplastia do espetáculo Ykuãni (2016 a 2022).

O QUE PENSA:

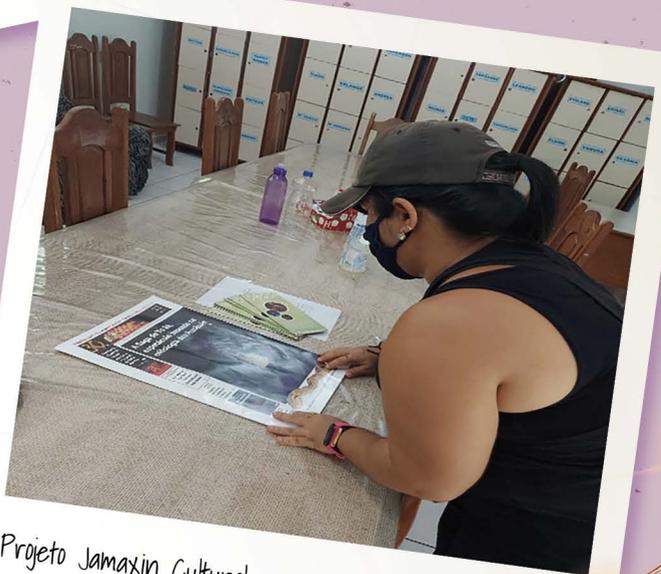
“Meu processo de criação é bem coletivo; pois, junto com o grupo, descobrimos possibilidades nesse processo diário de ensaios e discussão sobre o que pretendemos colocar em cena, aonde queremos chegar e o que precisamos fazer. Tudo através das informações precisas de como tem que ser e o que o diretor precisa que eu faça, em cima da necessidade do trabalho cênico. Neste momento quero trabalhar com outros artistas na realização de seus sonhos, projetando-os no papel para realizá-los para o público, por meio dos editais de incentivo”.

CONTATO:

 nubiaalvesteatro@gmail.com



Projeto Jamaxin Cultural, em Feijó/AC - sonoplastia do espetáculo Saga de Ió Bá (2021) - foto: Edicley Araújo.



Projeto Jamaxin Cultural, em Feijó/AC - produção executiva do espetáculo Saga de Ió Bá (2021) - foto: Edicley Araújo.



SANDRA BUH

Sandra Maria Gomes de Oliveira, conhecida artisticamente como Sandra Buh, tem 51 anos, nasceu em Brasília/AC, entende-se como uma mulher cisgênero, preta e sem deficiência. Trabalha em Rio Branco/AC, afirma que o teatro é sua ocupação principal e que **atua especificamente nas áreas de atuação, cenografia, figurino, produção e sonoplastia** há mais de 20 anos.

MINI-BIO:

Sandra Buh, artista de teatro e música desde março de 1988, é participante dos grupos de teatro Teatro GPT, Cia. Visse Versa de Ação Cênica, Macaco Pregado da Macaca, grupo de teatro e música O Barulho do Acre, grupo de samba Moças do Samba e quadrilheira da Quadrilha Junina Pega Pega. Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Acre – Ufac; Especialista em Educação, Diversidade e Cidadania pela Faculdade Educacional da Lapa – Fael; graduada em Artes Cênicas – Teatro e Letras Português, pela Universidade Federal do Acre - Ufac.

PRINCIPAIS TRABALHOS:

- ▶ Criação e execução da sonoplastia do espetáculo Dança Butoh (2001);
- ▶ Execução da sonoplastia do espetáculo As Travessuras do Palhaço Rufino e Sua Turma (2000);
- ▶ Execução da sonoplastia do espetáculo O Circo da Praça (2005);
- ▶ Criação coletiva e execução da sonoplastia do espetáculo Comédia Del’Acre (desde 2008 a 2022);
- ▶ Direção do espetáculo, criação e execução da dramaturgia sonora do espetáculo O Santo e a Porca (2009-2011);
- ▶ Direção do espetáculo, criação da dramaturgia sonora do espetáculo Orìkí – do Òrun ao Ayé (2011 - primeira montagem; 2021 - segunda montagem);
- ▶ Execução da sonoplastia do espetáculo Mulheres de Molière (2017);
- ▶ Criação e execução da dramaturgia sonora do espetáculo Agreste (2017 a 2022);
- ▶ Criação e execução da dramaturgia sonora do espetáculo Yunu Pãni (2018 a 2022).

O QUE PENSA:

“Comecei na dramaturgia sonora/sonoplastia como a maioria destes profissionais aqui do Acre: autodidata. Não temos acesso à formação na área, por isso fazemos de maneira empírica, através da experimentação, da observação, da prática e da dedicação. São muitos os desafios, sendo os principais a desvalorização desta função no teatro e a falta de formação específica. No futuro? Quero aprender mais, arriscar mais, fazer mais dramaturgia sonora/sonoplastia”.

CONTATO:

✉ buhartista@gmail.com



Sonoplastia do espetáculo Agreste (2017) - arquivo pessoal.



Parte dos instrumentos do espetáculo Yunu Pani (2018) - arquivo pessoal.



SANDRÉIA SOUZA

Sandréia Souza da Silva, conhecida artisticamente como Sandréia Souza, tem 41 anos, nasceu em Rio Branco/AC, entende-se como uma mulher cisgênero, parda e sem deficiência. Trabalha na mesma cidade em que nasceu, afirma que o teatro não é sua ocupação principal, e que **atua especificamente nas áreas de atuação e gestão** há cerca de 18 anos.

MINI-BIO:

Sandréia Souza da Silva, natural de Rio Branco/Acre, é graduada em Artes Cênicas – Teatro pela Universidade Federal do Acre - UFAC. Atuou nos grupos Cia Irreverentes, Trupe do Banzeiro, Ciranda de Leitura (SEME) e Nós da Casa (UFAC). Atualmente faz parte dos grupos Macaco Prego da Macaca - MPM, Teatro GPT - Grupo do Palhaço Tenorino - e Cia Arteiras D’Alegria.

PRINCIPAIS TRABALHOS:

- ▶ Atuação nos espetáculos A Cantora Careca (2004), À Mesa-Contos de Kafka (2005), O Mendigo ou o Cachorro Morto (2006), Mistérios no Reino de Catirimpimpim (2008-2012), Memórias de Emília (2010 – 2012), A Primavera da Lagarta (2006), O Livro da Alegria (2007 e 2016 - 2021), Timóteo - o Tatu Poeta (2008), O Santo e a Porca (2009-2013);
- ▶ Atuação e assistência de direção no espetáculo O Organismo (2014 – 2022);
- ▶ Direção e atuação nos espetáculos Clownpetição (2020) e GOS' TOSA (2021).

O QUE PENSA:

“Meus maiores desafios sempre foram no processo de criação das personagens; entender e criar suas características, gestual, voz, comportamento e personalidade, aliando tudo isso à direção, figurino, luz, espaço cênico. Eu sofro em cada detalhe (riso), mas sempre encaro com muita força de vontade. Futuro? Colocar os espetáculos Clownpetição e GOS'TOSA para circular”.

CONTATO:

 sandreiasan@gmail.com



Espetáculo O Santo e a Porca (2011) - arquivo pessoal.



Espetáculo O Organismo (2016) - arquivo pessoal.



SARAH BICHA

Sarah Jainy Moreira de Lima, conhecida artisticamente como Sarah Bicha, tem 25 anos, nasceu em Rio Branco/AC, entende-se como pessoa não-binária, preta e sem deficiência. Trabalha na mesma cidade em que nasceu, afirma que o teatro é sua ocupação principal, e que **atua especificamente nas áreas de atuação, produção e direção** há cerca de 10 anos.

MINI-BIO:

Sarah Bicha é mãe, graduada em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Acre (UFAC), atriz, diretora teatral, produtora cultural, fotógrafa, arte-educadora e pesquisadora na área de direção teatral, gênero e sexualidade, bem como raça e classe nas poéticas da cena. Atualmente integra a Coletiva Teatral Es Tetetas, em Rio Branco.

PRINCIPAIS TRABALHOS:

- ▶ Direção e produção do espetáculo As Malcriadas (2019);
- ▶ Criação, em parceria com Kika Sena, do programa independente Palavra Periférica (2020);
- ▶ Direção do espetáculo Ovelha Dolly (2021);
- ▶ Produção e fotografia do espetáculo Aquelas Pretas (2021).

O QUE PENSA:

“Os processos criativos variam muito, mas tenho trazido para perto a experiência de laboratórios teatrais como pesquisa corporal, vocal, que possam agregar ao trabalho. Acredito que um dos maiores desafios surgiu depois da pandemia, pois fazer teatro neste momento de isolamento, de vírus, é muito difícil. Inclusive para os artistas da cena, que têm a necessidade do toque, do encontro, dessa convivência coletiva. Estamos retornando e, aos poucos, vamos nos adaptando novamente. Agora que chegaram as vacinas, podemos enfim ter esse alívio e retornar às atividades culturais”.

CONTATO:

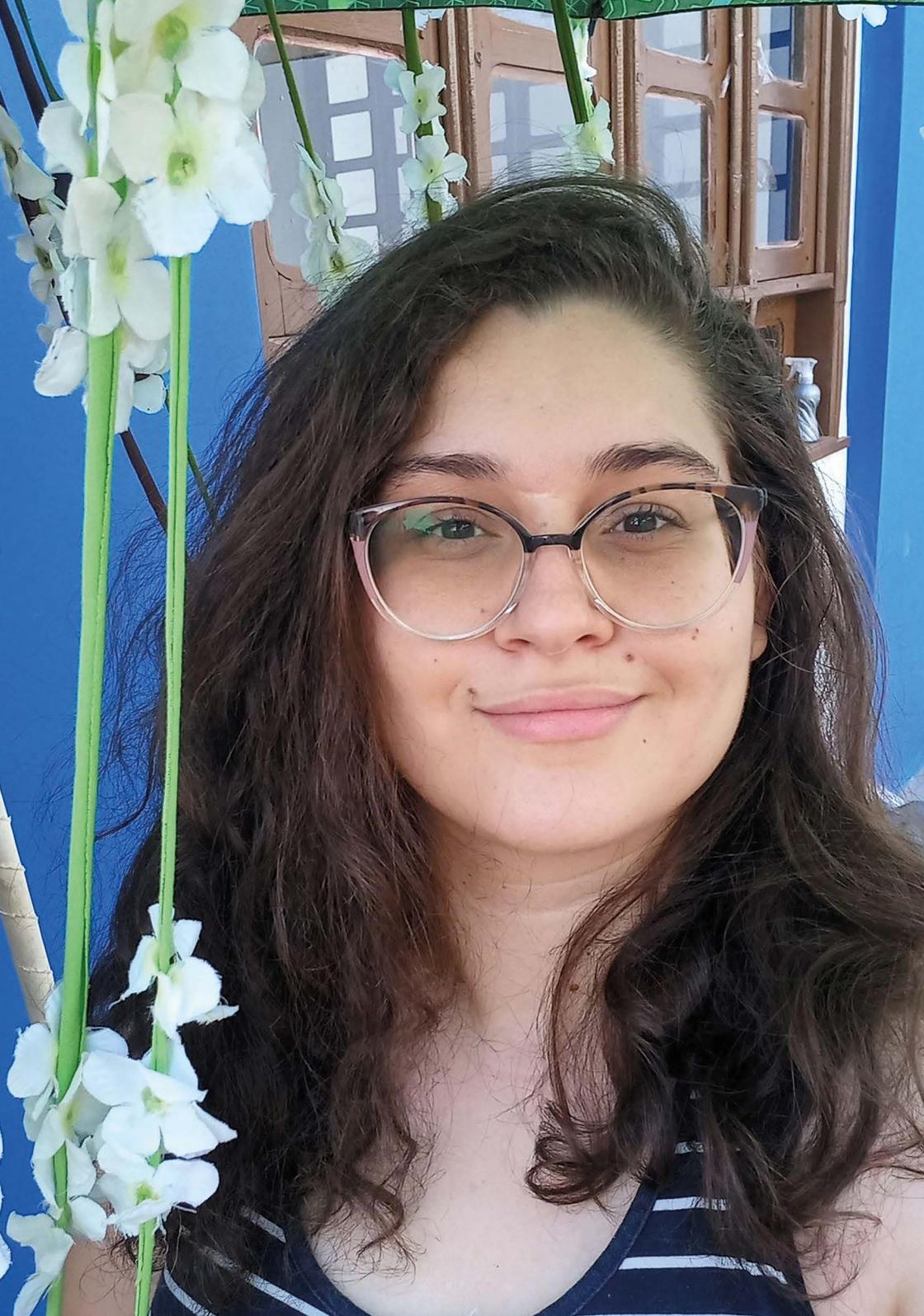
✉ jaine.ggs@gmail.com



Ensaio geral do espetáculo Ovelha Dolly. Atriz Kika Sena (2021) - arquivo pessoal.



Espectáculo Aquelas Pretas: direção de Ketila Araújo. Produção e fotografia: Sarah Bicha (2021) - arquivo pessoal.



STEPHANIE MATOS

Stephanie Caroline Matos Dantas, conhecida artisticamente como Stephanie Matos, tem 25 anos, nasceu em Porto Velho/RO, entende-se como uma mulher cisgênero, branca e sem deficiência. Trabalha na mesma cidade em que nasceu, afirma que o teatro é sua ocupação principal e que **atua especificamente nas áreas de atuação e produção** há cerca de 06 anos.

MINI-BIO:

Stephanie Matos possui licenciatura em Teatro pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Integrante do Teatro Ruante e dos grupos universitários Cia Peripécias, Teatro Ruante e Trupe dos Conspiradores; e do Grupo de Pesquisa PAKY'OP, do Curso de Teatro da UNIR. Atuou nos espetáculos *A muy lamentável e cruel história de Píramo e Tisbe*, *Cabaré Ruante*, *Inimigos do Povo* e *Cidade Grande João Ninguém*.

PRINCIPAIS TRABALHOS:

- ▶ Atuação em Inimigos do Povo (2017 – 2018);
- ▶ Palhaça no espetáculo A muy lamentável e cruel história de Píramo e Tisbe (2021);
- ▶ Produção da Mostra Gritos do Cotidiano – Rompendo Estruturas (2022);
- ▶ Atuação em Refugiados Show (2022).

O QUE PENSA:

“Atualmente, minha principal atuação profissional é como produtora e coordenadora de streaming junto a alguns grupos de teatro e projetos culturais de Porto Velho/ Rondônia. Um dos maiores desafios que tenho é organizar e equilibrar a vida pessoal e profissional, e parar de querer abraçar o mundo com as duas mãos. O futuro é um pouco incerto, então o planejamento é priorizar o que for realmente necessário”.

CONTATO:

✉ stephaniematosd@gmail.com



Teste de maquiagem para o espetáculo Refugiados Show (2019)
- arquivo pessoal



Contação de história no Porto Velho Shopping (2019) - arquivo pessoal



TEO NASCIMENTO

Teoginis Silveira do Nascimento, conhecida artisticamente como Teo Nascimento, tem 58 anos, nasceu em Humaitá/AM, entende-se como uma mulher cisgênero, preta e sem deficiência. Trabalha em Porto Velho/RO, afirma que o teatro não é sua ocupação principal, e que **atua especificamente nas áreas de atuação, cenografia, figurino e produção** há cerca de 21 anos.

MINI-BIO:

Teoginis Silveira do Nascimento, mulher negra, amazônida. Artista atuante dos movimentos cultural, artístico e social em Porto Velho, Rondônia. Nome Artístico - Teo Nascimento. Atriz, performer, ensaiadora, costureira, figurinista e cenógrafa. Produtora cultural e facilitadora de oficinas teatrais e figurinos. Acadêmica do Curso de Licenciatura em Teatro da UNIR.

PRINCIPAIS TRABALHOS:

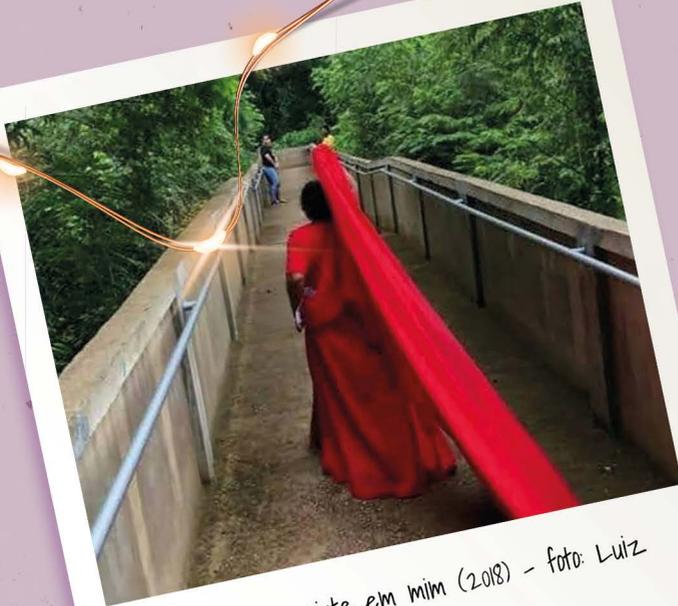
- ▶ Atuação e produção em A Vassoura da Bruxa (2003-2011) e TPM (2008-2021);
- ▶ Cenografia, atuação, figurino e produção em Renda de Amor (2006/2007) e História de Rita (2015-2021);
- ▶ Figurino na performance A saudade que existe em mim (2018-2022);
- ▶ Cenografia e produção na performance Ponte (2020-2022).

O QUE PENSA:

“Na verdade, figurino, cenário e produção chegaram para mim pela necessidade de fazer teatro e montar espetáculos. No princípio foi meio que no susto mesmo. Mas, aos poucos, fui compreendendo a importância de cada elemento e busquei o aprimoramento. Hoje é mais tranquilo, em termos, né? Porque cada trabalho é um novo desafio. Gosto de trabalhar, e pretendo estudar, pesquisar, para ampliar cada vez mais o meu trabalho”.

CONTATO:

✉ teo_aquelaqcria@hotmail.com



A saudade que existe em mim (2018) - foto: Luiz Lerro.



Processo de criação do figurino da cena Fantasma, com direção de Luz Clarice, atuação de Isabela Castiel na disciplina de Encenação Teatral ministrada pelo Prof. Dr. Luciano Flávio de Oliveira (2021).



THAÍS PASSOS

Thaís Passos Nunes, conhecida artisticamente como Thaís Passos, tem 29 anos, nasceu em Porto Velho/RO, entende-se como uma mulher cisgênero, parda e sem deficiência. Trabalha na mesma cidade em que nasceu, mais especificamente no Distrito de Nazaré (170 km do perímetro urbano de Porto Velho, sendo que o trajeto até o distrito só é possível por via aquática). Afirma que o teatro não é sua ocupação principal, e que **atua especificamente nas áreas de atuação, figurino, gestão, maquiagem e produção** há cerca de 11 anos.

MINI-BIO:

Rondoniense, artista e produtora cultural. Estudante de Ciências Sociais na Fundação Universidade Federal de Rondônia. É gestora e dançarina do Flor do Puruí Cia de Dança. Participou da gravação dos 04 álbuns no Grupo Minhas Raízes, nas funções backing vocal e produção colaborativa; em Cada som uma História (2007); Saga Beiradeia (2012); Além dos Cantos (2017); e Assim Sou (2021); além de ter participado como backing vocal e produção colaborativa do álbum Boi Curumim (2015). Como produção executiva, atua desde 2011 no Festival Cultural de Nazaré. Esse Festival preserva a cultura e a raiz do povo amazônico, movimentando o médio e baixo Madeira, sendo considerado um dos maiores eventos regionais do Norte. Também realizou produção executiva na XVII Conferência do Comitê Internacional para uma Nova Museologia (2016), na comunidade de Nazaré, distrito de Porto Velho – RO.

PRINCIPAIS TRABALHOS:

- ▶ Produção do Festival Cultural de Nazaré (2011 a 2018);
- ▶ Produção da Paragem Cultural de Nazaré (2011 a 2018);
- ▶ Gestora e dançarina do Flor do Puruí Cia de Dança (2016 a 2018);
- ▶ Produção executiva na XVII Conferência do Comitê Internacional para uma Nova Museologia (2016);
- ▶ Backing vocal e produção colaborativa dos álbuns do Grupo Minhas Raízes (2007, 2012, 2017, 2021);
- ▶ Produtora do espetáculo Saga Beradera da Beradera Cia de Teatro (2022).

O QUE PENSA:

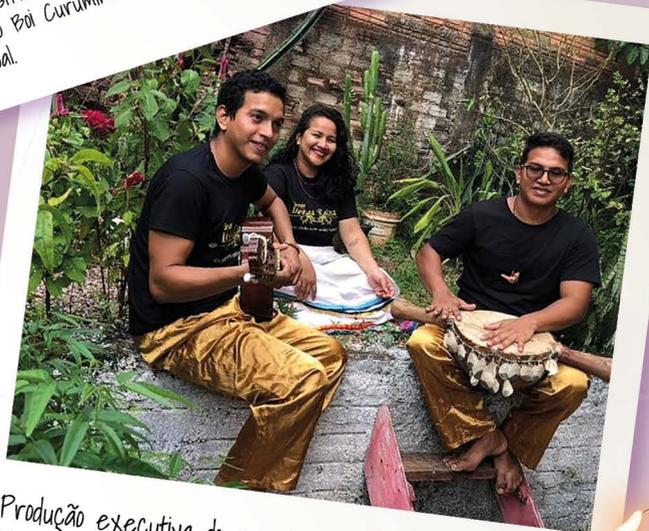
“Tudo o que eu faço na comunidade em que moro, e na qual realizamos o Festival Cultural de Nazaré, é com muito amor. Tão logo encerrou o Festival, já começamos a pensar no processo de produção e criação do Festival do ano seguinte. Para isso, pesquisamos algumas referências e gostamos de utilizar não apenas elementos da comunidade, mas as próprias pessoas que vivem ali, sempre buscando reutilizar o que é descartado na natureza, porém que pode ser aproveitado”.

CONTATO:

✉ thaispassosnunes@gmail.com



Produção do Festival Cultural de Nazaré, confecção do figurino da Marujada do Boi Curumim e organização dos figurinos (2019) - arquivo pessoal.



Produção executiva do espetáculo SAGA BERADEIRA, da Beradera Cia. de Teatro - participação como integrante do grupo Minhas Raízes (2022) - arquivo pessoal.



FESTIVAL
GUAJARÁ-MIRIM

THAIZ LUCKSIS

Thaiz Rodrigues Lucksis, conhecida artisticamente como Thaiz Lucksis, tem 41 anos, nasceu em Guajará-Mirim/RO, entende-se como uma mulher cisgênero, afroameríndia e sem deficiência. Trabalha na mesma cidade em que nasceu, afirma que o teatro não é sua ocupação principal e que **atua especificamente nas áreas de atuação, cenografia, figurino e produção** há cerca de 13 anos.

MINI-BIO:

Thaiz Lucksis nasceu em Guajará-Mirim, Rondônia, fronteira do Brasil com a Bolívia. Filha de pais guajaramirenses e neta de amazônidas, imigrantes cearenses e lituanos. É arquiteta, formada em 2002, pela Universidade Federal de Mato Grosso. Concluiu formação em Iniciação Teatral em Cabo Verde, na África, em 2005. Produziu e atuou em peças teatrais em Guajará-Mirim, entre 2007 e 2014. Realiza o FESTINAÇU – Festival Internacional de Teatro de Guajará-Mirim - desde 2011 - pela Associação Cultural Waraji.

PRINCIPAIS TRABALHOS:

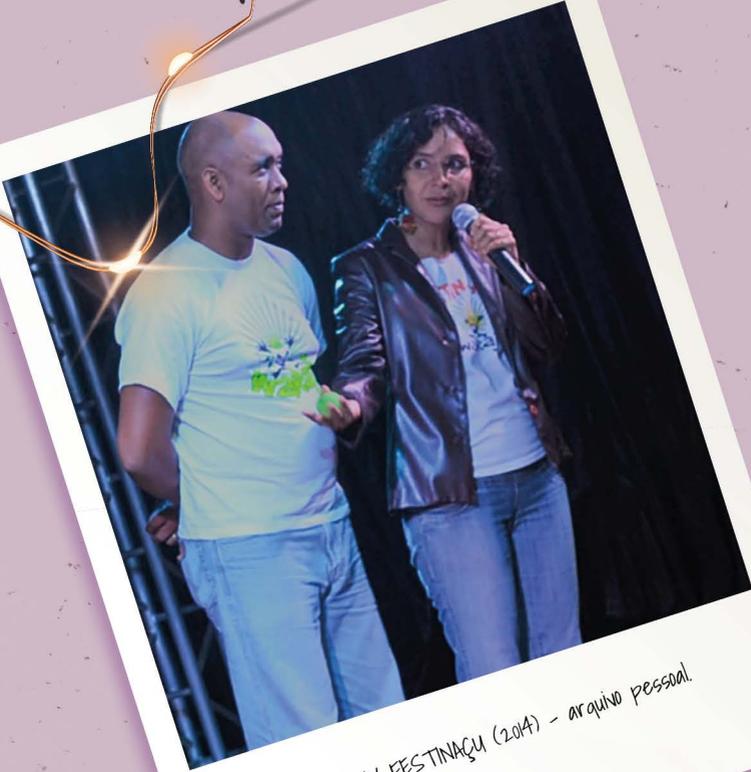
- ▶ Produção, dramaturgia, figurino, coreografia e atuação do espetáculo Sinta-se em Casa na Guerra e na Paz (2008);
- ▶ Produção, dramaturgia e atuação do espetáculo Arigó (2009);
- ▶ Produção, direção, dramaturgia (adaptação), figurino e cenário do espetáculo Pluft, o fantasma (2010);
- ▶ Produção e direção do espetáculo A formiguinha e a Neve (2013);
- ▶ Realização e produção do FESTINAÇU – Festival Internacional de Teatro de Guajará-Mirim (2011-2022).

O QUE PENSA:

“Uma das maiores dificuldades que encontro na produção artística na minha cidade é a falta de trocas com outros coletivos artísticos pela inexistência dos mesmos, a sensação de isolamento é muito grande. Em muitos aspectos, temos que nos ‘retroatimentar de nós mesmos’ e é bem desgastante. O meio artístico é cheio de desafios, com recursos escassos e pouco reconhecimento, até agora. Guardo sempre a esperança desse panorama mudar e a cultura enfim ser reconhecida pela sua importância, por isso sigo!”

CONTATO:

 lucksis@gmail.com



Apresentação do IV FESTINAÇU (2014) - arquivo pessoal.



Foto da peça de conclusão de curso Mangachada, premiada por melhor dramaturgia, sonoplastia e melhor atriz (2006) - arquivo pessoal.



VAL BARBOSA

Valéria Ferreira Barbosa, conhecida artisticamente como Val Barbosa, tem 38 anos, nasceu em Porto Velho/RO, entende-se como uma mulher cis-gênero, parda e sem deficiência. Trabalha na mesma cidade em que nasceu, afirma que o teatro não é sua ocupação principal, e que **atua especificamente nas áreas de atuação, gestão e produção** há cerca de 10 anos.

MINI-BIO:

Gestora de projetos culturais e sociais, a rondoniense Val Barbosa desenvolve trabalhos há 10 anos, pautados na identidade amazônica e na valorização do fazer artístico no estado. Seu olhar sensível ao cotidiano se une à técnica da produção, para que mostras, festivais, espetáculos musicais e teatrais consigam atravessar o campo das ideias e se concretizem. Graduada em Letras Português pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR), é pós-graduanda em Ensino da Arte. Inicia sua trajetória artística no teatro, linguagem que lhe oportunizou percorrer os estados do Brasil pelo projeto Palco Giratório do SESC, com o espetáculo “Filhas da Mata”, montagem da Associação Cultural O Imaginário. Coordenou a execução da Lei Aldir Blanc no Estado de Rondônia em 2020, sendo, também, a responsável técnica pela elaboração dos 09 editais de cultura para atender a lei emergencial. Com a necessidade de atender a eventos institucionais e empreender com Gestão Cultural, cria a Mafuá de Ideias, que é uma empresa rondoniense especializada em elaborar projetos culturais e realizar eventos artísticos e sociais, pautados na identidade amazônica e na valorização do fazer artístico no estado.

PRINCIPAIS TRABALHOS:

- ▶ Direção artística na 1ª Mostra de Arte e Solidariedade do Tribunal de Justiça de Rondônia (2015);
- ▶ Direção artística na Mostra Cultural da Escola Estadual Barão dos Solimões (2016);
- ▶ Coordenação da Implementação da Lei Aldir Blanc no Estado de Rondônia, através da Coordenadoria de Cultura SEJUCEL - CODEC - Presidente da Comissão (2020/2021);
- ▶ Produção Executiva Festival SONORA (2021);
- ▶ Direção artística FESTIVAL ÁGUAS QUE ME TOCAM (2022);
- ▶ Produção Executiva no projeto CASA EM CENA (2022);
- ▶ Produção Executiva Festival DELAS (2022).

O QUE PENSA:

“Sou uma artista que vem do teatro - e com a necessidade de fazermos nossa produção, organização e divulgação - entendi que também teria a “chama da produção” e que este bastidor também tem a minha alma - como no palco. O principal desafio e dificuldades que regem o trabalho da produção é a mobilização de recursos financeiros independentes, privados ou públicos, o grande trabalho é conseguir fazer com que um determinado evento e/ou projeto cultural aconteça com os recursos necessários para que a Arte apareça”.

CONTATO:

✉ valbarbosavall@gmail.com



Direção artística do Festival Águas que me Tocam (2022) -
arquivo pessoal.



Produção executiva do Festival Sonora 2021 - arquivo
pessoal.



VALDETE SOUSA

Valdete Sousa Silva, conhecida artisticamente como Valdete Sousa, tem 39 anos, nasceu em Ji-Paraná/RO, entende-se como uma mulher cisgênero, parda e sem deficiência. Trabalha em Vilhena/RO, afirma que o teatro não é sua ocupação principal, e que **atua especificamente nas áreas de atuação, gestão, produção e dramaturgia** há cerca de 23 anos.

MINI-BIO:

Graduada em Letras - Língua Portuguesa e Literatura - pela Universidade Federal de Rondônia. Especialização em Arte Educação. Atriz, diretora, palhaça, produtora, dramaturga e poetisa. Atuou no Grupo Arterial de Ji-Paraná-RO (1998 a 2002). Atua no Teatro Wankabuki de Vilhena-RO (desde 2003). Participou e ofereceu diversas oficinas de formação em Artes Cênicas. Pesquisadora da história e da arte de Rondônia, escreve em blogs de arte e poesia. Organizadora e escritora da obra Memória: relatos do teatro de Rondônia (no prelo). Atualmente, está na presidência do Conselho Estadual de Política Cultural – CEPC/RO.

PRINCIPAIS TRABALHOS:

- ▶ Atuação e direção dos espetáculos: Perdidos na Floresta (2009), Severina(2010), José e Cia (2011-2013), Já Passa das Oito (2015), À Margem (2018);
- ▶ Produção dos espetáculos no Teatro Wankabuki (2009 -2022);
- ▶ Produção do FAT-Festival Amazônico de Teatro(2015/2016/2018/2022);
- ▶ Coordenação da Residência on-line Festinaçu (2021);
- ▶ Produção e direção da videoarte À Margem da História: mães avós e nós (2021).

O QUE PENSA:

“Acredito na arte como elemento construtivo. A arte me ajudou a definir quem sou hoje, me possibilitou conhecer a mim mesma, a construir um mundo diferente daquele que existia na minha realidade. Da garota nascida na periferia para a mulher que atua hoje, foi uma longa e difícil jornada. A luta foi muito comigo mesma, pois até me reconhecer artista da cena foi difícil. O teatro tem o poder de transformar realidades e salvar vidas”.

CONTATO:

 valvex@gmail.com



Palhaça Jujubinha (2021) - arquivo pessoal.



À MARGEM (2018) - arquivo pessoal.



no
13
achuta
misa
credito.

ZAINE DINIZ

Zaine Maria Diniz Lima, conhecida artisticamente como Zaine Diniz, tem 54 anos, nasceu em Fátima do Sul/MT, entende-se como uma mulher cisgênero, branca e sem deficiência. Trabalha em Porto Velho/RO, afirma que o teatro não é sua ocupação principal e que **atua especificamente nas áreas de atuação, figurino e produção** há cerca de 30 anos.

MINI-BIO:

Zaine Diniz, 54 anos, atriz e figurinista, fundadora e atuante na Cia O Imaginário, e, ao longo de 30 anos de carreira artística, participou de vários espetáculos de teatro como atriz e figurinista, e relevantes projetos de circulação nacional, entre os mais importantes: Palco Giratório 2010 e 2018, mostra latino-americana de teatro e Itaú Rumos Cultural, em 2012 e 2019. Atualmente desenvolve pesquisa e elaboração de figurino no espetáculo Meu amigo inglês. Ganhou o prêmio de melhor atriz no I Festival Madeira de Teatro, 2019. É pedagoga e atua também na Formação de professores da educação especial, sob olhar da inclusão. Acredita que só a Arte e Educação podem transformar as pessoas e o mundo.

PRINCIPAIS TRABALHOS:

- ▶ Figurino e atuação do espetáculo O mistério do fundo do pote (2015);
- ▶ Figurino e atuação do espetáculo As mulheres do aluá (2017);
- ▶ Figurino e atuação do espetáculo A borracheira (2019);
- ▶ Pesquisa e figurino do espetáculo Meu amigo inglês (em processo - 2022).

O QUE PENSA:

“Quero estudar mais sobre figurino, aprender corte e costura, aperfeiçoar mais nos detalhes, texturas, moldes, materiais e aviamentos específicos para cada tipo de projeto. Paralelo à minha atuação, tenho consciência da importância do figurino para o ator, na composição do personagem. Garimpar peças prontas, ressignificar é uma forma de transformar e criar um figurino e poupar o meio ambiente. Cada projeto é um desafio e isso é o que me move na arte”.

CONTATO:

 zainediniz69@gmail.com



O Mistério do Fundo do Pote - Ilo Krugli - direção Chicão Santos (2017) - acervo O Imaginário.



As Mulheres do Aluá - Euler Lopes - direção Chicão Santos (2018) - acervo O Imaginário.

SEÇÃO 2

AS ENTREVISTAS

ALLAÑÁ Dİ SOUZA

AS ORGANIZADORAS:

QUAL É O PAPEL DA SUA ÁREA EM UM ESPETÁCULO TEATRAL?

Allaňá: O meu papel é comunicar, junto com as outras áreas, o espetáculo inteiro, para que o artista consiga dizer visualmente o que está sendo dito verbalmente, mantendo o equilíbrio.

AS ORGANIZADORAS:

COMO COMEÇOU O SEU INTERESSE PELA ÁREA?

Allaňá: Eu sempre quis ser artista plástica desde criança. Eu queria ser pintora, só que aqui em Rio Branco o curso de Artes Visuais era pago e estava prestes a fechar. Com 17 anos, eu entrei para Ciências Sociais, que é uma área do meu interesse, só que eu percebi que não era minha profissão e que eu não ia suportar viver da antropologia. Tinham alguns amigos que eram do teatro, mas eu não tinha interesse em atuar, e o curso é licenciatura. Porém, eu percebi uma coisa que foi o grande pulo do gato para mim: eu pensei "o que que tem de artes visuais aqui no teatro que eu possa desenvolver?" Óbvio, figurino maquiagem e cenário.

AS ORGANIZADORAS:

COMO OCORRE O SEU PROCESSO CRIATIVO?

Allaňá: Bom! Eu sou um tanto quanto textocêntrica, quando não tem texto eu preciso do contexto. Eutrabalho muito junto com o artista, busco entender o que o artista está querendo comunicar e aí cato algumas ideias

que a pessoa tem, boto a minha identidade ali. Trabalho muito com reaproveitamento, com brechó e acabo entrando num consenso com a pessoa. Então meu processo depende muito da temperatura, da pressão, do ambiente mesmo. É a hora que vou descobrir o que a pessoa quer, o que eu tenho na minha mão, para não gastar horrores de novos materiais, para ter o reaproveitamento e o que eu quero dizer junto com aquela pessoa. Eu tenho muita dificuldade se não for assim, esse é o lugar confortável para mim.

AS ORGANIZADORAS:

VOCÊ PERCEBE DIFERENÇA ENTRE A SUA PRIMEIRA EXPERIÊNCIA E A MAIS RECENTE?

Allaí: Então, no final das contas, eu percebo que estou menos boba, em relação à grana e tudo isso. Estou me impondo melhor, passando um novo ciclo onde estou começando a desenvolver coisas novas como, por exemplo, o abadá, que eu pesquiso faz 07 anos e somente agora que eu consegui concluir algumas coisas, algumas ideias e botar em prática por uma questão de possibilidade e de oportunidade. Então eu percebo também que eu estou mais rica em conceitos, que meu catálogo cultural aumentou muito, mas que eu ainda tenho muita dificuldade em lidar com a parte financeira, de dizer o preço.

AS ORGANIZADORAS:

QUE REFERÊNCIAS OU OUTROS PROFISSIONAIS TE INSPIRAM NESTA TRAJETÓRIA?

Allaí: Tive professores com os quais eu passei por um processo de catarse muito grande, como Raquel Theo, figurinista do Rio de Janeiro, que me ajudou muito, inclusive me ensinando questões de grana. As outras pessoas que são mais recentes são o Rodrigo Aragão, maquiador do personagem Zé do Caixão, que trabalha com efeitos especiais, e a outra pessoa é o Diogo Hayashi, que é diretor de arte e deu uma oficina de Direção de Arte pelo Festival Pachamama. Uma outra pessoa é Colette Dantas, arquiteta, que deu uma oficina de cenário e transformou muito minha visão do que é espaço. E aí tem a referência das artes plásticas... Tem o Danilo De S'acre, ele é uma referência muito grande, a estética dele. Tem o Dalmir Ferreira, de quem também gosto da estética, das cores neutras que ele trabalha, que

é meio contraditório comigo. Esses são daqui de Rio Branco. No Norte tem a Berna Reale, acho ela incrível. Gosto de pesquisar também arquitetura, geografia, historicidade do Norte, até pelo viés do olhar geográfico... de trazer o formato da arquitetura para o figurino, sabe?! Estudar a história do nosso lugar e misturar com isso. E, por fim, a Frida Khalo, como referência de latinidade.

AS ORGANIZADORAS:

QUAIS AS MAIORES DIFICULDADES DA PROFISSÃO?

Allaíá: Eu tenho muita dificuldade em dizer o preço e receber um preço justo pelas coisas. Eu também tenho dificuldade de espaço para trabalhar - eu estou morando em um ateliê antigo da minha bisavó, que era costureira. A falta de estrutura atrapalha muito e isso influencia muito no trabalho.

AS ORGANIZADORAS:

PENSANDO EM REGIÃO NORTE, AMAZÔNIA, DE QUE MANEIRA ISSO INFLUENCIA NO SEU TRABALHO E QUAIS AS DIFICULDADES ENFRENTADAS POR ESTAR NESTA REGIÃO DO PAÍS?

Allaíá: Quando fiz a oficina com a Raquel Theo, que é figurinista, perguntei sobre essa questão de pagamento. Por que a galera me pagava R\$50,00 para um figurino, mesmo isso sendo cinco anos atrás, é absurdo, só que era o que tinha... Claro que já recebi um pouco melhor, e o máximo que recebi por isso foi R\$1300,00. Aqui no Norte, a questão do dinheiro, não sei outros lugares, mas eu acho um tanto quanto absurdas as propostas. E isso, às vezes, faz a gente se questionar o quanto é boa nisso, porque eu não consigo sobreviver do meu trabalho... E aqui no Norte, a gente não tem o mercado, o trabalho para fazer toda hora, então é tentando na resistência.

AS ORGANIZADORAS:

O QUE TE MOVE PARA CONTINUAR TRABALHANDO NA ÁREA??

Allaíá: Eu sou artista igual a borboleta é uma borboleta, igual um besouro é um besouro, do jeito que o Sol nasce, a chuva cai, a Terra roda, eu sou artista. Então o que me move é o próprio sangue que corre aqui, enquanto o meu coração tiver batendo, não tem o que fazer não... mas não é

um lugar também assim de “*Ai, meu Deus, a tristeza ou azar*”, são as dificuldades mesmo. O que me move é minha existência.

AS ORGANIZADORAS:

ACREDITA QUE O FATO DE SER MULHER MODIFICA O SEU OLHAR PARA A ÁREA? OU MODIFICA O OLHAR DO OUTRO EM RELAÇÃO A VOCÊ?

Allaíá: Cara, eu já passei de um tudo nesses 10 anos, do nível do iluminador um dia antes do teste final de iluminação, ligar para mim e dizer que não precisava ir, porque iluminação não é lugar de mulher. Agora, como diretora de Artes, tenho que me impor muito, e isso cansa muito. Já passei por assédio moral, pessoas já me assediaram sexualmente. O lugar do figurino é muito feminino, são poucos homens nesse lugar. E a dificuldade de ser mulher é que a gente tá cansada e além das outras questões que a gente tem no nosso meio, como o racismo e tudo mais.

DENISE OLIVEIRA

AS ORGANIZADORAS:

QUAL É O PAPEL DA SUA ÁREA EM UM ESPETÁCULO TEATRAL?

Denise: O papel da produção de um espetáculo é grande importância, já que é na produção que o espetáculo vai se construindo. O produtor é o responsável por viabilizar toda a estrutura material necessária para a realização de uma obra, possibilitando que ela ganhe forma. O produtor fica encarregado de agilizar lugares para ensaio, apresentação, montagem, muitas vezes procura apoio financeiro, que se dá através de leis de incentivo, apoio através de empresas e etc...

AS ORGANIZADORAS:

COMO COMEÇOU O SEU INTERESSE PELA ÁREA?

Denise: Começou no mês de maio de 2007, quando eu fui fazer uma visita na Fundação de Cultura Elias Mansour. Era um período em que todos estavam super animados, cantando músicas de São João, o Departamento de Arte criando as peças publicitárias, a comunicação marcando entrevistas e o pessoal da produção correndo atrás de viabilizar esse evento. Eu estava desempregada, nunca tinha ido a esta Fundação, não conhecia a função, muito menos o que ela fazia, mas sempre fui rápida em aprender. Sempre trabalhei em empresas privadas com horário para entrar e sem horário pra sair. Meio tímida, perguntei para a coordenadora do evento se tinha algum trabalho pra mim. A resposta dela foi: "Tem, mas não paga muuuito". Como eu disse, estava desempregada e qualquer valor que eu recebesse naquele momento seria de grande valia! Pra minha surpresa, pagava mais do que eu receberia

trabalhando no antigo trabalho. Nesses 03 meses de produção fiz amigos, aprendi muito e foi muito gratificante ver todo aquele evento funcionando, ver que as pessoas iam visitar o espaço, jogar bingo, dançar, ver as quadrilhas juninas se apresentarem, tudo isso pra mim foi muito importante. Após o fim das festas juninas, fui convidada pra viajar pelo interior do Acre com grupos de teatros, através de um outro projeto chamado Caravana Cultural. Acho que até aquele dia nunca tinha assistido a um espetáculo de teatro, eu fiquei encantada, apaixonada. Ver pessoas que nunca foram ao teatro ali, dando gargalhadas, ou ver pessoas lotando uma praça nas cidades do interior pra assistir filme, tudo isso é muito legal, eu me vejo nessas pessoas, nas crianças. A arte cura, e saber que aquele momento é um acalanto, fazendo com que elas esqueçam um pouco dos seus problemas, isso pra mim não tem preço. Foi nessa caravana que descobri que essa seria minha profissão. Me profissionalizei e posso dizer que tenho uma vasta experiência na área de gestão e produção cultural, tendo atuado por mais de 10 anos na Fundação de Cultura Elias Mansour/Usina de Arte João Donato como assistente de produção e produtora de projetos e eventos culturais. Também atuei em importantes ações e projetos como produtora cultural de shows musicais, espetáculos teatrais, lançamentos de livros, trabalho musicais e no audiovisual.

Destaco minha atuação como assistente de produção no Arraial Cultural (Acre) nos anos de 2007 a 2017; produtora no Festival Varadouro de Música; produtora Festival Internacional – Pachamama Cinema de Fronteira; produtora no Festival Boca de Mulher 2021; produtora no longametrage Noites Alienígenas, com Direção de Sérgio Carvalho e realização da Saci Filmes; assistente de produção na Feira do Livro e da Leitura – Bienal – AC; assistente de produção da turnê na Região Norte do Projeto Música na Estrada.

Após o período que estive servidora pública, abri uma MEI, pensando em viver dessa profissão. Apresento projetos para leis de incentivos, faço produção local, assessoria em prestações contas, produções audiovisuais...

AS ORGANIZADORAS:

COMO OCORRE O SEU PROCESSO CRIATIVO?

Denise: Assim como os atores vão para o teatro bem cedo para se preparar, eu também me concentro, foco, faço checklist, procuro entender os

processos, conhecer mais sobre o espetáculo e gosto muito de focar só no trabalho.

AS ORGANIZADORAS:

VOCÊ PERCEBE DIFERENÇA ENTRE A SUA PRIMEIRA EXPERIÊNCIA E A MAIS RECENTE?

Denise: Sim, muito claro. A primeira eu não sabia como fazer, organizar, quem procurar... O valor que tem uma agenda de contatos atualizadas e as boas relações, as boas relações abrem portas. Hoje eu sei os caminhos que devo percorrer para que a produção seja perfeita, mas sempre contando com os meus contatos, eles são muito importantes para um produtor.

AS ORGANIZADORAS:

QUE REFERÊNCIAS OU OUTROS PROFISSIONAIS TE INSPIRAM NESTA TRAJETÓRIA?

Denise: Karla Martins, Carol Di Deus, minhas mestras... Marília Bonfim, Valeska Alvim, Sandra Buh.

AS ORGANIZADORAS:

QUAIS AS MAIORES DIFICULDADES DA PROFISSÃO?

Denise: Eu diria que a falta de recurso de apoio cultural é uma das grandes dificuldades para um grupo executar um projeto.

AS ORGANIZADORAS:

PENSANDO EM REGIÃO NORTE, AMAZÔNIA, DE QUE MANEIRA ISSO INFLUENCIA NO SEU TRABALHO E QUAIS AS DIFICULDADES ENFRENTADAS POR ESTAR NESTA REGIÃO DO PAÍS?

Denise: O custo amazônico, tudo é muito difícil, caro.

AS ORGANIZADORAS:

O QUE TE MOVE PARA CONTINUAR TRABALHANDO NA ÁREA??

Denise: Costumo dizer que eu, já adulta, cresci muito depois que comecei a trabalhar com as artes, que eu amadureci intelectualmente. Existe

uma Denise antes e uma Denise após essa vivência, e eu aprendo ainda hoje todos os dias, seja na produção de um espetáculo dentro do teatro, seja em uma produção do audiovisual, gravando com os povos originários, seja produzindo oficinas e eventos para os povos da floresta. Para cada uma dessas produções eu me emociono. O que me move é saber que outras pessoas possam despertar para seu crescimento intelectual, é saber que eu posso estar levando a arte para quem nunca foi ou que não tem grana para ir ao teatro.

AS ORGANIZADORAS:

ACREDITA QUE O FATO DE SER MULHER MODIFICA O SEU OLHAR PARA A ÁREA? OU MODIFICA O OLHAR DO OUTRO EM RELAÇÃO A VOCÊ?

Denise: Eu acredito que modifica o olhar do outro em relação a mim por ser mulher, batalhadora, que nunca teve nada fácil. Em algumas produções existem mais homens que mulheres e isso às vezes causa estranheza. É tão importante ter mais mulheres trabalhando nas produções, correndo atrás do seu ganha pão. Sem dúvida isso faria um diferencial, fortalece!

JÓRIA LIMA

AS ORGANIZADORAS:

QUAL É O PAPEL DA SUA ÁREA EM UM ESPETÁCULO TEATRAL?

Jória: Escolhi o espaço da dramaturgia em razão da invisibilidade atual dessa atuação no campo artístico atual. O papel da dramaturga é escrever o texto teatral ou audiovisual.

AS ORGANIZADORAS:

COMO COMEÇOU O SEU INTERESSE PELA ÁREA?

Jória: Iniciou com a atuação como atriz nos palcos, depois como diretora e na percepção de que gostaria de falar sobre coisas que não encontrava na dramaturgia da época, em sua maioria de autores masculinos, relativas ao universo feminino ou percepções femininas. No ano 2000 fiz a oficina de dramaturgia no Grupo Galpão, em Belo Horizonte, com Luís Alberto de Abreu e no mesmo ano escrevemos coletivamente a peça Carta Postal 1500, na qual também atuei.

AS ORGANIZADORAS:

COMO OCORRE O SEU PROCESSO CRIATIVO?

Jória: O processo criativo é como uma gestação, leva tempo no plano das ideias no útero da mente, das emoções, dos sentimentos e do pensamento. A partir de insights, que podem ser imagens, palavras, personagens, temas e, a partir daí, começo a recolher e arquivar material de todo tipo até

o momento em que a necessidade de colocar no papel emerge com força suficiente para se dar forma e vida e passa então a existir. É a hora do parto.

AS ORGANIZADORAS:

VOCÊ PERCEBE DIFERENÇA ENTRE A SUA PRIMEIRA EXPERIÊNCIA E A MAIS RECENTE?

Jória: A diferença que percebo é uma maior apropriação da técnica e, conseqüentemente, da segurança para enfrentar os desafios. Isso não elimina o medo e nem é garantia de qualidade ou sucesso. É apenas uma coragem mais sedimentada de enfrentar os mesmos desafios.

AS ORGANIZADORAS:

QUE REFERÊNCIAS OU OUTROS PROFISSIONAIS TE INSPIRAM NESTA TRAJETÓRIA?

Jória: Em primeiro lugar, o próprio Abreu que se tornou, além de mestre, um amigo. João das Neves, com quem ganhei no mesmo ano o prêmio nacional de dramaturgia também foi importante referência. E Plínio Marcos teve uma importantíssima contribuição de forma inusitada. Vários autores e organizadoras tem influenciado minha escrita no campo do pensamento filosófico.

AS ORGANIZADORAS:

QUAIS AS MAIORES DIFICULDADES DA PROFISSÃO?

Jória: Tornar público.

AS ORGANIZADORAS:

PENSANDO EM REGIÃO NORTE, AMAZÔNIA, DE QUE MANEIRA ISSO INFLUENCIA NO SEU TRABALHO E QUAIS AS DIFICULDADES ENFRENTADAS POR ESTAR NESTA REGIÃO DO PAÍS?

Jória: Não vejo como dificuldades, vejo como oportunidades: a escassez e o silêncio, pois é do silêncio que nascem as palavras.

AS ORGANIZADORAS:

O QUE TE MOVE PARA CONTINUAR TRABALHANDO NA ÁREA??

Jória: O que me move enquanto artista é a inquietude, a necessidade de expressão, o desejo de compartilhar o belo, a tentativa de tradução do indizível, o amor, a alegria, a dor, o conflito e a beleza.

AS ORGANIZADORAS

ACREDITA QUE O FATO DE SER MULHER MODIFICA O SEU OLHAR PARA A ÁREA? OU MODIFICA O OLHAR DO OUTRO EM RELAÇÃO A VOCÊ?

Jória: Sim, eu creio que existe uma diferença sutil na percepção do olhar feminino na arte e do olhar do público para o feminino na arte. Não é bom, nem ruim, é apenas diferente.

JULIANA JAYA

AS ORGANIZADORAS:

QUAL É O PAPEL DA SUA ÁREA EM UM ESPETÁCULO TEATRAL?

Juliana: Eu entendo o figurino como uma dramaturgia, porque narra, comunica, dialoga, compõe, protagoniza, reafirma e/ou contrapõe. A caracterização é fundamental dentro de uma obra artística e não deve ser considerada inferior ou menos digna de dedicação, especialização e fomento. Produzir uma indumentária é tecer discursos, trabalhando estes discursos através de uma materialização visual. Roupas são símbolos, signos e seus significados precisam ser elaborados conscientemente.

AS ORGANIZADORAS:

COMO COMEÇOU O SEU INTERESSE PELA ÁREA?

Juliana: Fui uma criança muito incentivada a imaginação, lembro-me que aos 08 anos produzi o que considero minha primeira criação de indumentária, uma sandália feita de folhas de papel A4. Obviamente não teve durabilidade nenhuma, mas todo o processo de confecção daquela peça, desde o recorte dos papéis às camadas e camadas de cola branca são muito vivos em minha memória. E, desde que me entendo por gente, desenho manequins, minha mãe também desenha e inspirada nela passei a fazer meus próprios croquis. Estive muito inclinada a cursar Moda, quando estava no Ensino Médio, porém já havia começado na vida teatral, por isso optei por fazer Artes Cênicas e, desde então, venho desenvolvendo trabalhos em diversas modalidades artísticas e conjuntamente na área de figurino.

AS ORGANIZADORAS:

COMO OCORRE O SEU PROCESSO CRIATIVO?

Juliana: Acontece de forma muito intuitiva, é como uma necessidade do momento ou como uma energia específica que aquele trabalho emana e que, a partir desse sentir, passo a observar composições de tudo ao meu redor que me conecte àquela frequência, desde os passos rotineiros do meu cotidiano, até a cidade entendida como uma fonte inesgotável de produção de dramaturgias que incentivam aquele determinado processo criativo a referências em livros, obras ou movimentos nas artes plásticas, no cinema. Não descarto a pesquisa em bancos de imagens como Pinterest ou outras redes, mas é importante saber entrar e sair dessas plataformas. Acho que qualquer processo criativo envolve aspectos históricos, sociais e um direcionamento único que compõe o olhar e a capacidade de produção de um artista.

AS ORGANIZADORAS:

VOCÊ PERCEBE DIFERENÇA ENTRE A SUA PRIMEIRA EXPERIÊNCIA E A MAIS RECENTE?

Juliana: Percebo não como uma linearidade evolutiva, não penso que sou melhor ou pior que no início nem que essa trajetória me garante um lugar seguro ao erro, mas entendo que as experiências vividas modificam a própria capacidade de gerenciar o processo, e que cada etapa e criação exigem uma reinvenção, pois são momentos distintos. Muitas vezes a paixão inocente, intensa e desbravadora do início faz falta em determinados momentos, em outros algumas experiências me evitam cair em alguns lugares desagradáveis novamente, mas não me evitam de cair em outros novos.

AS ORGANIZADORAS:

QUE REFERÊNCIAS OU OUTROS PROFISSIONAIS TE INSPIRAM NESSA TRAJETÓRIA?

Juliana: Tento estabelecer um olhar muito atento a produções artísticas de diversas áreas desde performers, a artistas plásticos, fotógrafos, músicos, figurinistas, cineastas, estilistas e etc. Posso citar nomes que me vem a mente neste momento como Adriana Varejão, Michel Basquiat, Fernan-

do de Carvalho, Gabriel Vilela, Vivienne Westwood, Berna Reale mas sinto que o exercício de buscar conhecer e reconhecer o trabalho de artistas fora do circuito de produção mastigado das mídias dando enfoque a artistas da região norte é uma obrigação minha enquanto artista e pesquisadora, pessoas como Adroaldo Pereira, Nonato Tavares, Danilo de S'acre, Dalmir Ferreira, Diego Batista, Allana Souza, Ágatha Lima, Romualdo Freitas, Ana Paula Alab, Bismarck Moura, Talita Oliveira e muitos tantos outros colegas que me inspiram e incentivam em suas produções.

AS ORGANIZADORAS:

QUAIS AS MAIORES DIFICULDADES DA PROFISSÃO?

Juliana: Acredito que a falta de apoio, de políticas públicas e todo o mecanismo de exclusão e de invalidação desses profissionais dessas áreas (dos bastidores) como um todo. A desvalorização e o não reconhecimento são dificuldades que perpassam o âmbito econômico, é o capital que diz o que importa e o que vale ser investido tempo e dinheiro. Nesse sistema em que as artes são cada vez mais subalternizadas, um profissional insistir em algo que não seja rentável é um posicionamento político de resistência que nem todos podem se dar ao luxo de ter.

AS ORGANIZADORAS:

PENSANDO EM REGIÃO NORTE, AMAZÔNIA, DE QUE MANEIRA ISSO INFLUENCIA NO SEU TRABALHO E QUAIS AS DIFICULDADES ENFRENTADAS POR ESTAR NESTA REGIÃO DO PAÍS?

Juliana: Há um sentimento de resistência que é necessário, a busca por perceber o lugar em que se vive rompendo com uma lógica oficial/colonial agressiva e esmagadora de subjetividades, é um exercício diário e trabalhoso, pois as dificuldades são construídas pra promover o distanciamento e um não-reconhecimento de determinadas formas que fogem da regra centro/sul do país. Compreender que não existe somente uma métrica para desenvolver desde o pensamento crítico, pois é justamente o que vai influenciar na reflexão e na produção até a finalização de um trabalho artístico... É bonito, mas também difícil.

AS ORGANIZADORAS:

O QUE TE MOVE PARA CONTINUAR TRABALHANDO NA ÁREA??

Juliana: Eu gosto, isso me dá tesão, força pra viver, acho que é isso. Sem isso eu seria consumida até virar um corpo com vísceras de ferro. Sentir é o que me faz humana, continuar a produzir arte é o que me move e me emociona. É um mecanismo de sobrevivência.

AS ORGANIZADORAS:

ACREDITA QUE O FATO DE SER MULHER MODIFICA O SEU OLHAR PARA A ÁREA? OU MODIFICA O OLHAR DO OUTRO EM RELAÇÃO A VOCÊ?

Juliana: Existe certamente uma tendência social que nos empurra a ocupar determinadas caixinhas e obviamente ser mulher me condiciona a assumir posições, lugares específicos e lutas específicas que direcionam meu olhar a ver mundos que um sujeito homem vê por outros ângulos. Mas não penso nisso como algo que me limita, mesmo reconhecendo que o figurino é um setor subalternizado e considerado inferior, muito por um imaginário que o relaciona a ser considerado um trabalho de mulher.

SANDRA BUH

AS ORGANIZADORAS:

QUAL É O PAPEL DA SUA ÁREA EM UM ESPETÁCULO TEATRAL?

Sandra: A dramaturgia sonora estabelece uma relação entre o som e a imagem cênica, valorizando-a e criando uma relação do público com as cenas. Ela apresenta efeitos produzidos por recursos diversos (instrumentos convencionais, instrumentos artesanais, brinquedos, etc, bem como o corpo e a voz), que complementam o texto falado, os silêncios e as expressões corporais/faciais. São elementos modificadores que se integram, dando suporte ao espetáculo.

AS ORGANIZADORAS:

COMO COMEÇOU O SEU INTERESSE PELA ÁREA?

Sandra: Sempre estive envolvida com música de alguma forma. Ao assistir espetáculos, passei a observar de que maneira os efeitos sonoros contribuíam com a cena, as sensações que eles me causavam e, desse olhar, desenvolvi um fascínio pela criação e execução da dramaturgia sonora.

AS ORGANIZADORAS:

COMO OCORRE O SEU PROCESSO CRIATIVO?

Sandra: Primeiro leio o texto. Depois, vou aos ensaios. Eu opto em construir a dramaturgia sonora junto com as cenas, movimentação dos atores e atrizes. Não acredito em uma sonoridade dentro do espetáculo que é produzida à parte. O processo criativo acontece junto com a montagem do espetáculo, com experimentações, propostas, que permanecem ou não na cena.

AS ORGANIZADORAS: VOCÊ PERCEBE DIFERENÇA ENTRE A SUA PRIMEIRA EXPERIÊNCIA E A MAIS RECENTE?

Sandra: Sem dúvida. A cada construção sonora, leituras, experimentos, vou adquirindo mais conhecimento e experiência. Ou não... hahahahaha...

AS ORGANIZADORAS:

QUE REFERÊNCIAS OU OUTROS PROFISSIONAIS TE INSPIRAM NESTA TRAJETÓRIA?

Sandra: As minhas referências vêm das vivências com diversos grupos, participando dos espetáculos, ou assistindo a peças. A partir daí, fui percebendo de que maneira o som e a cena se completam. Écio Rogério da Cunha é um grande incentivador na minha trajetória como sujeita sonora.

AS ORGANIZADORAS:

QUAIS AS MAIORES DIFICULDADES DA PROFISSÃO?

Sandra: Talvez não seja a maior, pois ainda estamos em processos de formação e compreensão da importância das diversas áreas de atuação no teatro. Por isso, alguns grupos ainda não perceberam a transcendência do som na cena, chegando a menosprezar e desvalorizar financeiramente. Uma outra dificuldade é o registro dos trabalhos que executei. Aconteciam situações como não ter registro fotográfico, em folders, ou notícia de jornal. Hoje, que preciso comprovar o que já fiz, tenho que recorrer a declarações dos encenadores. Essa é uma realidade em meu estado: não guardarmos as comprovações dos trabalhos realizados. Talvez pelo desconhecimento da importância que tem comprovar nossos feitos.

AS ORGANIZADORAS:

PENSANDO EM REGIÃO NORTE, AMAZÔNIA, DE QUE MANEIRA ISSO INFLUENCIA NO SEU TRABALHO E QUAIS AS DIFICULDADES ENFRENTADAS POR ESTAR NESTA REGIÃO DO PAÍS?

Sandra: Sou pessoa nascida em seringal e a vivência em meio à Floresta Amazônica me possibilitou ter contato com diversos sons. A dificuldade financeira me motivou a construir instrumentos, ou utilizar objetos que produzissem ruídos, e estes eu usava quando minha mamãe contava histó-

rias pra gente, à luz de lamparina. Uma das dificuldades é não termos, em nosso estado, formação (oficinas, cursos, workshops) sobre a construção e execução da dramaturgia sonora.

AS ORGANIZADORAS:

O QUE TE MOVE PARA CONTINUAR TRABALHANDO NA ÁREA??

Sandra: Paixão. Eu fiz da arte a minha religião. Por isso sigo aprendendo, ensinando, vivendo.

AS ORGANIZADORAS:

ACREDITA QUE O FATO DE SER MULHER MODIFICA O SEU OLHAR PARA A ÁREA? OU MODIFICA O OLHAR DO OUTRO EM RELAÇÃO A VOCÊ?

Sandra: Em resposta à primeira pergunta, não. Acredito que o “olhar para área” tem a ver com sensibilidade e criatividade, o que ocorre independente do gênero. Quanto à segunda pergunta, sim. Há uma diferenciação no tratamento, pelo simples fato de eu ser uma mulher.

SARAH BICHA

AS ORGANIZADORAS:

QUAL É O PAPEL DA SUA ÁREA EM UM ESPETÁCULO TEATRAL?

Sarah: Acredito que o papel da minha área é o de educar, comunicar possibilidades novas de visões de mundo, que é também uma ponte potencializadora de discussões políticas que nos sensibilizam, transformam, resgatam nossa história, modificam ideias e questionam padrões, em suma, criar e/ou atualizar a cultura de um povo.

AS ORGANIZADORAS:

COMO COMEÇOU O SEU INTERESSE PELA ÁREA?

Sarah: Meu interesse pelo teatro acontece durante a infância, assistindo novelas, filmes e espetáculos teatrais de rua. Durante muito tempo, o teatro passa a ser um lugar de difícil acesso para mim, por eu ser, na época, de uma família carente de arte, criança periférica, e sem condições financeiras para custear um curso de teatro. Foi então que surgiu o programa do PET (Programa de Educação Tutorial), com o Governo Lula, no qual existia a possibilidade de escolha entre alguns cursos, dentre eles Teatro. Minha mãe me escreveu sem pensar duas vezes e, desde então, nunca mais parei de fazer arte. Lembro ainda do nome da minha primeira professora de Teatro: Ana Paula Alab, que mal sabia que a semente que ela plantava no bairro mais periférico de Rio Branco iria trazer respostas surpreendentes para sociedade e para mim.

AS ORGANIZADORAS:

COMO OCORRE O SEU PROCESSO CRIATIVO?

Sarah: Os processos criativos variam muito, mas sempre vêm de muito estudo do que se pretende montar, dizer, mostrar, tudo muito bem pensado. Tenho trazido pra perto a experiência de laboratórios teatrais como pesquisa corporal, vocal, que possam agregar ao trabalho. Ensaios e mais ensaios até ficar bom!

AS ORGANIZADORAS:

VOCÊ PERCEBE DIFERENÇA ENTRE A SUA PRIMEIRA EXPERIÊNCIA E A MAIS RECENTE?

Sarah: Sim, percebo diferença na maturidade artística que eu tinha antes de ser formada em Teatro, durante a formação, e agora, depois de formada, continuo tendo muito cuidado com as propostas artísticas que pretendemos montar. Atualmente tenho gostado de espetáculos teatrais que dialogam com a performance. Acho tendência essa mistura, mas quero aprender mais sobre performance.

AS ORGANIZADORAS:

QUE REFERÊNCIAS OU OUTROS PROFISSIONAIS TE INSPIRAM NESTA TRAJETÓRIA?

Sarah: Todas as referências me inspiram de alguma maneira são femininas, sejam elas escritoras, cantoras, atrizes, performers, contadoras de histórias. Ultimamente minhas referências artísticas têm sido a comunidade LGBT artista, dentre elas muitas mulheres. A começar pelo Acre: Kétila Araujo, Kika Sena, Amanda Schoenmaker, Maiara Rio Branco, Brenn Souza, Bia Berkman, Karla Martins, Bell Paixão, Ana Paula Alab, Sacha Alencar, Andréia Favila, Rosa Luz, Linn da Quebrada, Ventura Profana, Castiel Vitorino, Ísis Broken, Liniker, Aline Fontenele... E por aí vamos...

AS ORGANIZADORAS:

QUAIS AS MAIORES DIFICULDADES DA PROFISSÃO?

Sarah: As maiores dificuldades são a falta de investimento na nossa cultura, e a visibilidade que ainda falta por residir no interior do Brasil, ficando assim muito longe do centro; existe ainda uma dificuldade em ser mulher e diretora nesse estado, são muitos os preconceitos existentes na classe artística de Rio Branco.

AS ORGANIZADORAS:

PENSANDO EM REGIÃO NORTE, AMAZÔNIA, DE QUE MANEIRA ISSO INFLUENCIA NO SEU TRABALHO E QUAIS AS DIFICULDADES ENFRENTADAS POR ESTAR NESTA REGIÃO DO PAÍS?

Sarah: O acesso às oportunidades que poderíamos ter, se morássemos em outra localidade do país. O Acre é rico em cultura, o que falta é investimento mesmo.

AS ORGANIZADORAS:

O QUE TE MOVE PARA CONTINUAR TRABALHANDO NA ÁREA??

Sarah: O que me move ainda faz parte de um sonho, que vai ganhando forma com o tempo e crescendo cada dia mais e mais no meu coração. Sonho de um mundo melhor, sonho em ver a arte como um bem maior e que merece ser muito bem cuidada, sonho ainda em lutar pela transformação do social do meu estado, sonho de ser famosa com toda essa mulherada artista de Rio Branco, sonho de poder viver só de Teatro.

AS ORGANIZADORAS:

ACREDITA QUE O FATO DE SER MULHER MODIFICA O SEU OLHAR PARA A ÁREA? OU MODIFICA O OLHAR DO OUTRO EM RELAÇÃO A VOCÊ?

Sarah: Sim, acredito que ser mulher, preta e periférica modifica tudo o que eu fizer na vida. Acredito, sim, que o olhar do outra pessoa possa mudar em relação a mim. Minha vida é uma constante transformação, não acredito que vou ficar estática no gênero, no pensamento, na sexualidade, vou fluindo, na tentativa de recuperar a identidade roubada, o espaço negado pra pessoas como eu. Sigo hoje forte, preparada, feliz por estar a serviço da arte. Sou grata por estar seguindo meu coração até aqui. Cada coisa tem seu tempo.

TEO NASCIMENTO

AS ORGANIZADORAS:

QUAL É O PAPEL DA SUA ÁREA EM UM ESPETÁCULO TEATRAL?

Teo: O primeiro papel da cenografia é ambientar, né?! É um elemento que ajuda a ilustrar o espaço-tempo e, de uma certa forma, está ligada ao visual, né, do espetáculo, cena, ela materializa o imaginário e, de uma certa forma, ela aproxima o público do espetáculo e o espetáculo do público espectador. Ela é uma parte essencial e tem que caminhar junto com o espetáculo, junto com a montagem, com a ideia ou mesmo com o evento, com aspectos de ambientação.

AS ORGANIZADORAS:

COMO COMEÇOU O SEU INTERESSE PELA ÁREA?

Teo: Na verdade o meu interesse surgiu, nem diria que foi o interesse, mas a necessidade de montar os trabalhos e de fazer uma boa execução me aproximou da cenografia. Eu sou costureira e surgiu a ideia de que já que sabe costurar, começa com os figurinos, já que sabe costurar, você faz um trabalho manual também, pode conceber a ideia da construção, da elaboração de cenários, de investir na cenografia. E pela importância e necessidade dessa área, fui me preparando, aprimorando e fui gostando do resultado, gostando desse fazer. Antes, como eu disse, era meio que no susto, agora já consigo... Há algum tempo já eu consigo parar, pensar nessa elaboração, fazer uma busca, uma pesquisa, uma análise para poder realizar.

AS ORGANIZADORAS:

COMO OCORRE O SEU PROCESSO CRIATIVO?

Teo: Através de uma pesquisa e uma análise de trabalho, da inspiração, às vezes eu vou buscar assistir a um filme, a vídeo, atrás de cenas de outros espetáculos, de alguns vídeos que fale sobre o assunto, que tenha alguma ilustração, alguma imagem, entendeu?! Então uma pesquisa para poder aproximar da ideia, para poder buscar essa compreensão.

AS ORGANIZADORAS:

VOCÊ PERCEBE DIFERENÇA ENTRE A SUA PRIMEIRA EXPERIÊNCIA E A MAIS RECENTE?

Teo: Enorme! Diferença gigantesca. Em tudo, no cuidado, na percepção, uma maneira de executar o trabalho, tudo é diferente hoje, porque eu fui aprendendo, compreendendo o que botar no trabalho. Tudo... Tudo é diferente hoje, porque eu fui aprendendo esses processos nesse ano todo, vendo como é importante, assistindo a outros trabalhos, de outros artistas e percebendo quão importante é você fazer um trabalho bem feito, é você pesquisar, é você experimentar, é você comparar o que funciona e o que não funciona.

AS ORGANIZADORAS:

QUE REFERÊNCIAS OU OUTROS PROFISSIONAIS TE INSPIRAM NESSA TRAJETÓRIA?

Teo: Olha, eu tive dois professores no início do teatro e os dois me inspiraram muito nesse trabalho, né?! Foi com eles que aprendi lá no princípio; o Eli Chateaubriand e o Euci Carvalho são professores de teatro, pesquisadores, diretores, ensaiadores e com eles que eu aprendi. Então com eles eu comecei, que realmente tive essa inspiração nos trabalhos que eu fiz com eles, e que muitas vezes hoje ainda recorro a eles para conversar, para trocar ideia a respeito. Então foram os primeiros professores, mas tem também o trabalho do Fabiano Barros, do grupo Imaginário, que a gente assiste aos outros trabalhos e conversa sobre essas montagens e a gente vai assim... Na área da cenografia, ainda não me firmei num grande nome, assim, da cenografia nacional, ainda trabalho muito a ideia e o regional aqui das pessoas com quem tenho contato a partir desses trabalhos.

AS ORGANIZADORAS:

QUAIS AS MAIORES DIFICULDADES DA PROFISSÃO?

Teo: Eu acho que, de uma certa forma, na maioria das vezes, a dificuldade dessa profissão depende do que você quer. Ainda há escassez de fomento, para você produzir, você comprar a matéria prima, para você fazer um trabalho realmente mais elaborado. Na dificuldade de fomento, na limitação financeira, a gente muitas das vezes tem que recorrer ao jogo de cintura, né?! Muita calma, pensar bem o que a gente vai fazer para desenvolver. A outra coisa, quando se trata às vezes de fazer trabalhos para outros grupos, é a questão da valorização do trabalho, né? Assim, por não ter ainda uma profissionalização dos cenógrafos aqui, às vezes a gente esbarra nessa coisa de que a pessoa vai atrás do teu serviço, muitas vezes não dá aquele valor, né, merecido ao trabalho que você realiza.

AS ORGANIZADORAS:

PENSANDO EM REGIÃO NORTE, AMAZÔNIA, DE QUE MANEIRA ISSO INFLUENCIA NO SEU TRABALHO E QUAIS AS DIFICULDADES ENFRENTADAS POR ESTAR NESTA REGIÃO DO PAÍS?

Teo: Eu acredito que mais uma vez a questão do fomento que nem sempre é tão abundante assim e, às vezes, o acesso a determinados materiais, que por vezes a gente imagina o material de pesquisa, mas nem sempre a gente encontra esse material aqui de maneira acessível para comprar. Até mesmo determinados tecidos aqui, no caso, de figurinos às vezes a gente tem fantasias e tem uma certa dificuldade de encontrar alguns materiais. Eu não sei como é em outras regiões, mas aqui a gente esbarra, né?! Tanto na questão do valor a ser investido, como na questão do acesso a determinados materiais pela escassez de encontrá-los por aqui.

AS ORGANIZADORAS:

O QUE TE MOVE PARA CONTINUAR TRABALHANDO NA ÁREA??

Teo: É continuar fazendo teatro, performance, então eu..., nos meus trabalhos, cada dia que se passa, eu procuro fazer trabalhos bem mais elaborados e sempre no sentido de pesquisar, de fazer um trabalho interessante dentro do campo artístico e eu sei fazer esses trabalhos. O que eu preten-

do é... continuar ampliando cada vez mais, pesquisando e, se possível, eu quero fazer ainda mais. Eu já fiz algumas oficinas, eu pretendo fazer muito mais, para ampliar e melhorar a minha compreensão dessa área. Eu gosto muito da cenografia, é um trabalho que cria uma identidade. É uma parte, um elemento do espetáculo, da performance, que faz parte da identidade do trabalho, então...isso me move para continuar, sim! Quero continuar na melhor maneira possível.

AS ORGANIZADORAS:

ACREDITA QUE O FATO DE SER MULHER MODIFICA O SEU OLHAR PARA A ÁREA? OU MODIFICA O OLHAR DO OUTRO EM RELAÇÃO A VOCÊ?

Teo: Olha! Eu acredito que o que modifica, no caso, porque eu costuro muito tempo, né?! Sempre criei minhas roupas, usei minha criatividade, eu sempre fiz as minhas bolsas, então, assim... já trabalhei em muito ateliês, isso faz que você olhe para essa área com interesse. Olhando para essa área da cenografia com muito carinho e muito cuidado, e às vezes modifica, sim, o olhar das pessoas. Alguns pensam que é uma costureira, né? Logo no início que tinham algumas pessoas: *Ah! a Teo faz, porque ela costura, ela faz figurino, vai ajudar nessa concepção de cenário, porque faz trabalhos manuais.* E outros pensam: *Ah! Pra você é fácil de fazer, você é costureira mesmo,* como se fosse simples e fácil, e não é. Creio que por trabalhar com essa parte já há algum tempo, organizar um ambiente de uma reunião, de uma oficina, de um evento, de um sarau, e aí você vai aprimorando cada vez mais o olhar. Eu creio que sim o fato de ser mulher, ser costureira e querer organizar as coisas da melhor maneira possível, foi afinando o meu olhar para essa área.

THAIZ LUCKSIS

AS ORGANIZADORAS:

QUAL É O PAPEL DA SUA ÁREA EM UM ESPETÁCULO TEATRAL?

Thaiz: Não me foi possível escolher uma área específica na nossa atuação como grupo. No espetáculo teatral, por exemplo, eu posso iniciar através da dramaturgia, passar pela criação de figurino, criação de cenário, ir pra direção, algumas vezes atuar também, e tudo isso ainda realizando o papel da produtora, da realizadora, quem vai atrás de patrocínio, enfim toda a infinidade de demandas. A minha realidade é a realidade de muitos artistas no interior do Brasil, ter que fazer todo o processo do início até a entrega ao público. É um bocado de coisa.

AS ORGANIZADORAS:

COMO COMEÇOU O SEU INTERESSE PELA ÁREA?

Thaiz: Na minha adolescência, sempre participei de todas as oficinas e cursos de dança que apareceram na minha cidade (o que também era raro, pois não tínhamos nenhum grupo ou coletivo permanente) e eu sentia muita falta de uma atividade artística constante na minha vida, sempre pensei que a cidade deveria oferecer às pessoas a possibilidade de se envolver com qualquer tipo de movimento artístico. Quando me mudei pra Cuiabá-MT, em 1998, para fazer faculdade de Arquitetura na UFMT (Universidade Federal de Mato Grosso), também aproveitei para participar de cursos em centros culturais na cidade. Fiquei bem impressionada com o movimento artístico e sonhava fazer parte daquilo tudo; entretanto, após concluir mi-

na faculdade, em 2002, fui com o Paulo, ainda meu namorado, para Mindelo, na ilha de São Vicente, em Cabo Verde, na África. Depois de um ano lá, o Paulo se inscreveu em um curso de iniciação teatral oferecido pelo Centro Cultural Português do Mindelo (CCPM), com duração de nove meses. Eu praticamente fui aluna ouvinte do curso do Paulo e muito naturalmente eu acabei me inscrevendo para a próxima turma no ano seguinte. Esse curso dá - até nos dias de hoje ele existe - uma base teórica e prática de todo o processo da montagem de um espetáculo teatral. E foi justamente durante esses dois anos de formação (a do Paulo e a minha) que participei do Festival Mindelact – o maior festival de teatro da África Ocidental, e fazer parte daquele movimento artístico fantástico mexeu muito comigo, era tudo o que eu sempre achei que fazia sentido: artistas em atividade contínua oferecendo às pessoas possibilidades de participar desse mundo, tanto como público como fazedores de arte. E daí que, em 2006, quando retornei para Guajará-Mirim, junto com o Paulo iniciamos um movimento muito parecido com tudo o que tínhamos vivido em Mindelo.

AS ORGANIZADORAS:

COMO OCORRE O SEU PROCESSO CRIATIVO?

Thaiz: Normalmente eu concebo algo a partir de uma proposta, sempre relacionado a algum evento que geralmente nós mesmos idealizamos. Sento e concebo tudo de uma vez e assim sai o texto dramaturgico, que já vai entrelaçando o figurino, o cenário, iluminação etc. Mas, lógico, o processo tem esse primeiro impulso, tem esse primeiro empurrão; mas, durante os ensaios, a gente vai acrescentando coisas, vai tirando também. É uma coisa muito orgânica, muito natural que acontece. A gente percebe que todos os que estão envolvidos tem sempre o quê acrescentar ao trabalho e todas essas possibilidades são sempre bem-vindas.

AS ORGANIZADORAS:

VOCÊ PERCEBE DIFERENÇA ENTRE A SUA PRIMEIRA EXPERIÊNCIA E A MAIS RECENTE?

Thaiz: Quando se trata da produção artística, percebo um amadurecimento na minha forma de desenvolver e de entregar ao público, sinto cada vez mais que existe uma sintonia entre nós que entregamos e o público que

recebe e não há meios possíveis de controlar o resultado, por isso tenho ficado cada vez mais feliz com nossas últimas montagens, tanto de espetáculos, como de performances, dança, música...

Agora, quando se trata da produção dos festivais, muda um pouco, pois a cada ano é um desafio a ser vencido e muitas vezes a gente não tem a menor ideia de como vamos resolver os problemas até bem próximo da data que agendamos o festival. Temos buscado parcerias no meio artístico, na tentativa de estabilizar a maioria das problemáticas, mas o ponto mais sensível ainda são os recursos financeiros para a realização de tudo. Houve um amadurecimento das pessoas da nossa equipe em relação à produção e realização ao longo desses 12 anos, mas o panorama político nos mostra que riquíssima coisa mudou desde o nosso primeiro festival.

AS ORGANIZADORAS:

QUE REFERÊNCIAS OU OUTROS PROFISSIONAIS TE INSPIRAM NESTA TRAJETÓRIA?

Thaiz: Olhando para minha produção artística, eu percebo claramente que tenho um perfil academicista, ou seja, trago de onde eu aprendi muitos traços e muitas influências. Acho que o teatro cabo-verdiano me marca muito profundamente, com sua malemolência, sua capacidade de síntese de linguagens diversas... a musicalidade... enfim.

Uma pessoa que me marcou muito e ainda me influencia é meu mestre nessa área, o João Branco, ele é produtor, realizador e idealizador do festival Midelact, lá em Cabo Verde. Ao longo dos anos, acompanho, mesmo a distância - pois tive poucas oportunidades de voltar a Cabo Verde - a sua produção com o grupo de teatro do CCPM, e que é uma produção frenética: a cada ano eles montam de 4 a 5 espetáculos inéditos, uma produção absurda levando em conta a escassez de recursos para área artística daquele país. Acredito ser esse o principal motivo de inspiração: em um país infinitamente menor do que o Brasil, esse grupo que tem quase três décadas montam não menos que dois espetáculos por ano e ainda realizam o maior festival da sua região e entorno... isso é admirável!

AS ORGANIZADORAS:

QUAIS AS MAIORES DIFICULDADES DA PROFISSÃO?

Thaiz: Trabalhar no Brasil na área artística-cultural continua sendo um desafio, por conta da falta de recursos, escassez de editais, escassez de patrocinadores, a própria não valorização por parte população, por parte das gestões, dos governos que entram e saem e não olham pro trabalho artístico de base. Tudo isso resulta nessa invisibilidade no nosso trabalho, não vemos o retorno de um trabalho sério que a gente realiza, não ter o retorno tanto financeiro quanto de reconhecimento é muito dolorido.

Quando penso no que fazemos aqui em Guajará, nossa produção do festival por exemplo, em muitos momentos parece que a gente enxugou gelo mesmo...12 anos aí e não temos reconhecimento por parte, tanto de Governo algum, quanto da população mesmo.

AS ORGANIZADORAS:

PENSANDO EM REGIÃO NORTE, AMAZÔNIA, DE QUE MANEIRA ISSO INFLUENCIA NO SEU TRABALHO E QUAIS AS DIFICULDADES ENFRENTADAS POR ESTAR NESTA REGIÃO DO PAÍS?

Thaiz: Bom, aí é aquela coisa, né?... Todas as dificuldades que eu falei anteriormente, elas dão uma triplicada na nossa região, porque a gente tem ainda mais dificuldade de recursos, desconhecimento do papel da arte na vida das pessoas... Eu só consigo pensar nas dificuldades e como que a grana pra você se articular nesse meio aqui precisa ser uma grana alta, porque a gente tá cada um meio isolado em cada cantinho. Quando eu penso em Rondônia: pra eu ir pra Porto Velho não é brincadeira, tenho que enfrentar uma estrada de 05 horas - uma estrada ruim pra caramba - são 05 horas de viagem e é uma grana! E se eu quiser também participar do festival da Val, lá em Vilhena, é um deslocamento absurdo pra chegar lá, no mínimo 17h de carro! É chão que não se acaba mais! Então é esse tipo de dificuldade, por estarmos nessa região, onde as coisas são mais longe, onde o recurso é ainda menos destinado à questão cultural. Eu percebo que a falta de conseguir ir aonde tem uma produção artística maior resulta em a gente não ter essa troca... Então a produção da gente fica meio empobrecida, ensimesmada..., é uma sensação de isolamento, parece que estamos em uma ilha sem comunicação.

AS ORGANIZADORAS:

O QUE TE MOVE PARA CONTINUAR TRABALHANDO NA ÁREA??

Thaiz: Na primeira vez que vi essa pergunta, não tinha resposta pra ela...; mas, depois de pensar um pouco sobre as outras perguntas, acredito que o que me move ainda é a ânsia da minha adolescência de participar de um movimento contínuo, onde outras adolescentes como eu possam encontrar possibilidades de acesso a esse mundo maravilhoso da arte, do teatro, da dança, da música... E se eu posso, de alguma forma, proporcionar isso pra alguém, eu quero seguir fazendo o que tenho feito ao longo desses anos, mesmo tendo consciência de ser muito pouco, pois nossas carências como sociedade são imensas.

AS ORGANIZADORAS:

ACREDITA QUE O FATO DE SER MULHER MODIFICA O SEU OLHAR PARA A ÁREA? OU MODIFICA O OLHAR DO OUTRO EM RELAÇÃO A VOCÊ?

Thaiz: Cara, acho que essa pergunta é a mais difícil pra mim dessa entrevista. Porque é um limite sutil, uma coisa que não dá pra mensurar muito claramente e, ao mesmo tempo, é esmagadora a diferença, é um negócio louco assim. Porque a minha forma de encarar meu trabalho, a área que eu atuo, por ser mulher, por ser mãe, por ser autônoma, profissional, por ser dona de casa, tudo isso são várias visões, várias Thaizes dentro de uma só que encara essa jornada, que encara esse trabalho, então é uma loucura, muito diferente. Às vezes eu mesma me questiono “Qual é a diferença?” E não encontro, não tem UMA diferença... é a minha vida toda! Todos os aspectos da vida fazem meu olhar ser diferente do olhar de um homem, é bem assim. E, claro, quem olha pra mim também, pelo fato de eu ser mulher, tem um diferencial, parece que tem uma nobreza menor, consigo ver isso claramente na diferença com que o Paulo, que é meu marido, é mais visto, mais reconhecido. E olha que a gente faz as mesmas coisas, desempenhamos papéis tão múltiplos, tanto um como o outro, na produção de um espetáculo, na produção do festival, a gente tá sempre dividindo as tarefas.

Acho que isso é uma característica profunda da nossa forma de olhar o trabalho do homem e o trabalho da mulher, claramente tem uma diferença aí.

VALDETE SOUSA

AS ORGANIZADORAS:

QUAL É O PAPEL DA SUA ÁREA EM UM ESPETÁCULO TEATRAL?

Valdete: Quando comecei a fazer teatro, eu atuava, entrei como atriz do Arterial com uns 15 anos mais ou menos. Quando eu me mudo pra Vilhena, eu passei a dirigir por necessidade, porque aqui a gente não tinha a figura do diretor, tinha um professor que, na época da faculdade, dirigia o grupo, mas quando saímos de dentro da universidade, essa figura desaparece. Antes disso mesmo, eu já tinha começado a assumir as funções de direção dentro do grupo. No momento em que resolvemos que ia ser grupo de teatro *Wankabuki*, assumo de vez a direção. Com o tempo, fui descobrindo que fazia coisas que nem eu sabia nomear, descobri que também era produtora do grupo e outras coisas que eu não sabia o nome. Inclusive essa parte de gerenciar: financeira, documental, secretariado, sempre fiz tudo e não sabia nomear, hoje em dia eu sei que são funções diferentes e deveria ter profissionais para cada uma, mas não é nossa realidade. Além disso, a maioria das dramaturgias do grupo sou eu quem escrevo, também sou palhaça e por último eu venho tentando fazer alguns trabalhos com sonoplastia autoral, também desenho os figurinos, dependendo do espetáculo, venho experimentando, na verdade, eu experimento de tudo um pouquinho no grupo. Pois, pela falta de profissionais para cada área, nos obrigamos a aprender diversas funções.

AS ORGANIZADORAS:

COMO COMEÇOU O SEU INTERESSE PELA ÁREA?

Valdete: Participei de um festival estudantil, cursava o 1º ou 2º ano do Ensino Médio, no Júlio Guerra, em Ji-Paraná, eram os festivais estudantis dos anos de 1990. Saímos de uma Noite Cultural com um espetáculo escolhido, entre outros tantos, e entramos no Festival. Não ganhamos premiação, mas eu ganhei, porque depois do festival o pessoal do Arterial, que estava na plateia, veio falar conosco. Nós éramos em 04 no grupo e nos convidaram para participar das reuniões do grupo. Depois, fiz uma oficina com o Alejandro Bedotti, foi a minha primeira oficina de teatro. A partir daí eu não parei mais, fiz um curso de teatro com o Ely Chateaubriand, que durou uns 05 meses, entrei para o Arterial e eu fui ficando, estreei o primeiro espetáculo Morte e Vida Severina (1999) e continuo aqui no teatro.

AS ORGANIZADORAS:

COMO OCORRE O SEU PROCESSO CRIATIVO?

Valdete: Depende muito do que eu estou fazendo. Essa semana eu estava fechando uma dramaturgia de um espetáculo com prazo para término, sofri muito, pois não funciono muito bem sob pressão e de ter a obrigação de escrever. Gosto de relaxar e começar a escrever o texto. Depois, experimentar a escrita antes de jogar no texto direto, porque teatro é mais experimentação do que qualquer outra coisa. Gosto de criação coletiva e depois eu pego tudo e jogo no papel, acho mais rica, o coletivo, a discussão, isso faz a gente crescer muito. Uma coisa é uma pessoa com uma ideia, um único viés, outra coisa são muitas pessoas cada um com uma ideia diferente. Acho que a minha criatividade aflora mais quando estou em grupo que a gente dialoga, discute, por isso gosto de trabalhar em grupo. A pandemia me fez ficar fechada em mim, sofri bastante por ter que trabalhar comigo mesma em casa, criando. Sinto falta da troca, por que meu processo criativo é mais fluido quando a gente tem com quem conversar, dialogar, trocar ideias.

AS ORGANIZADORAS:

VOCÊ PERCEBE DIFERENÇA ENTRE A SUA PRIMEIRA EXPERIÊNCIA E A MAIS RECENTE?

Valdete: Com certeza! A diferença é gritante e eu sei disso porque temos gravado, não o meu primeiro trabalho lá no Arterial, mas meu primeiro trabalho com Wankabuki. A Lenda da Ecologia, que foi um dos primeiros espetáculos que eu participei da direção, não assino a direção, mas eu estava junto e fiz a maioria da direção do espetáculo. Primeiro, eu estava tentando entender o que era isso. O que era dirigir um espetáculo? Não sabia o que que era isso, eu vinha da experiência de atriz, e foi uma experimentação, estava tentando fazer, tentando acertar, tentando entender como era isso. Não venho de formação acadêmica para teatro, minha formação acadêmica é Letras, Língua Portuguesa, então tudo que eu aprendi no teatro foi lendo, experimentando, jogando na cena, é assim que eu sempre trabalhei. Quando ia montar um espetáculo, e eu não tinha ideia de como fazer, eu recorria aos livros, fui lendo, lendo e tentando experimentar isso na cena. Há diferença, pois lá atrás em 2003 eu não possuía vivência, leituras e fui adquirindo conhecimento com o tempo.

AS ORGANIZADORAS:

QUE REFERÊNCIAS OU OUTROS PROFISSIONAIS TE INSPIRAM NESTA TRAJETÓRIA?

Valdete: Eu sempre me senti muito inspirada por quem estava trabalhando mais próximo. Quando comecei a fazer teatro; pra mim, as pessoas incríveis eram meus próprios colegas do grupo de teatro Arterial. Eles já tinham uma trajetória com muito mais tempo, comecei mais como fã do que com qualquer outra coisa. Fui conhecendo outros grupos e profissionais fora do estado, pelo Brasil a fora e eu fui aprendendo a admirar esses outros também, gosto de uma gama gigantesca de grupo no Brasil a fora, o teatro nordestino, do sul do país, temos artistas com uma trajetória incrível, meus amigos aqui do Mato Grosso. Tem muitas pessoas que me inspiram no estado de Rondônia. Ver como as mulheres estão começando a se organizar e como as mulheres estão presente na cena no estado, isso me deixa muito feliz por que eu vejo que nós somos a maioria na cena em Rondônia e nem sabemos disso, pois nem sempre dialogamos, nem se sabe a quantidade de mulheres que estão trabalhando. Nos últimos tempos, tenho trabalhado só com mulheres, o Wankabuki virou um grupo feminino, já tem um certo tempo, e quem me inspira mesmo são minhas amigas de trabalho espalhadas pelo estado.

AS ORGANIZADORAS:

QUAIS AS MAIORES DIFICULDADES DA PROFISSÃO?

Valdete: As dificuldades são muitas, a gente pode dividir isso por tipo, vamos começar pelo básico: 1- Dificuldades financeiras, para você criar um espetáculo, falando da montagem em si, em que momento no teatro de Rondônia se começa a montagem do espetáculo tendo recurso? Pouquíssimas vezes aconteceu isso comigo, quase sempre pagamos todas as despesas da montagem e depois tentamos recuperar vendendo o espetáculo pronto; 2 - Outro problema são os profissionais, tenho um profissional para cada área? Quando eu for criar um espetáculo eu vou ter atores e atrizes para poder atuar nesse espetáculo? Eu vou ter cada profissional específico: figurinista, cenógrafo, cenotécnico, iluminador, sonoplasta? 3 - Os espaços de apresentação, tenho que pensar fora da caixa literalmente, não temos equipamentos públicos na maioria dos municípios de Rondônia, teatros são poucos, então devemos criar sempre pensando em adaptação, ou trabalhar com teatro de rua. São tantos pontos limitantes, quando começo a pensar um espetáculo, primeiro devemos ser um homem banda, saber fazer tudo, você não consegue fazer arte em paz, sentar e só escrever o espetáculo, ou só pensar a direção, você tem que pensar num todo.

AS ORGANIZADORAS:

PENSANDO EM REGIÃO NORTE, AMAZÔNIA, DE QUE MANEIRA ISSO INFLUENCIA NO SEU TRABALHO E QUAIS AS DIFICULDADES ENFRENTADAS POR ESTAR NESTA REGIÃO DO PAÍS?

Valdete: Me entender como pertencente à região norte é bem novo. Faço teatro há mais tempo do que esse entendimento, sempre fizemos espetáculos com temáticas de defesa da natureza, a real compreensão disso veio depois. Saber que universo é esse que estamos inseridos. Acho que comecei a entender esse lugar de pessoa amazônida, ao pensar o FAT - Festival Amazônico de Teatro, ao ter contato com outros grupos que são nossos parceiros de Amazônia Legal, os diálogos do SECA – Seminário da Cena Amazônica, quando começamos a discutir esse lugar, eu penso que foi aí (2015) que comecei a compreender o que é esse estar na Região Norte. E isso é um problema, talvez o maior de todos, nós não nos reconhecemos

como pertencentes a esse lugar. A partir desse reconhecimento, a nossa arte cresce, a produção melhora, pois passamos a refletir nela nossa vivência. Temos muitas outras dificuldades: as distâncias, a falta de fomento, a falta de espaços, o custo amazônico, mas a pior de todas é essa sensação de não pertencimento.

AS ORGANIZADORAS:

O QUE TE MOVE PARA CONTINUAR TRABALHANDO NA ÁREA??

Valdete: Sinceramente, eu não sei, eu li essa pergunta e fiquei pensando nisso. O que é que move hoje? Eu não sei direito, por que eu já tentei parar de fazer teatro, fiquei um ano inteiro afastada do teatro, em 2007/2008. Fiquei doente, muito doente, depressão, só melhorei quando retornei. Não sei, pode ser um costume, fato é que eu não consigo parar. Todo ano penso: não vou fazer nada esse ano, não vou escrever projeto nenhum, não vou entrar em nada, vou ficar aqui de boa, vou viajar e, quando vou ver, estou em vários projetos. Não sei o que que é, não consigo ficar longe. Acho que é porque eu sou feliz fazendo arte, acho que a resposta é essa, fazer arte me faz feliz.

AS ORGANIZADORAS:

ACREDITA QUE O FATO DE SER MULHER MODIFICA O SEU OLHAR PARA A ÁREA? OU MODIFICA O OLHAR DO OUTRO EM RELAÇÃO A VOCÊ?

Valdete: Totalmente, vejo que as produções que partem de iniciativas femininas são muito diferentes. Com a Lei Aldir Blanc - LAB, pudemos acompanhar muitas produções, mais mulheres produzindo, não só no teatro, como também na música, vejo essa presença feminina mais forte. Gosto, pois é claro que temos um olhar mais sensível para as nossas questões, trazemos para a cena o nosso diálogo, o que queremos discutir. Trabalhei, essencialmente, só com homens até eu começar a dirigir e fui dirigida só por homens, nunca tive uma diretora. Nos espetáculos víamos o diretor, o iluminador, o sonoplasta, era só no masculino. Mulheres, só em cena. Atualmente, vemos mulheres em todas as funções. Gosto de trabalhar com mulheres, pois acho que é um trabalho mais colaborativo. Vejo que o olhar feminino é diferente, somos participativas e colaborativas, tem mais diálogo. Quando comecei a dirigir, não foi fácil estar à frente de um grupo



de teatro, no interior de Rondônia e sendo mulher. As pessoas não davam muito crédito para mim. Me senti acuada por muito tempo, dependendo do lugar, da roda de discussão, mesmo sendo um ambiente no meio artístico, que deveria ter essa abertura, eu me senti bem acuada, em diversas situações, não sei se pela condição de ser mulher ou ser uma mulher do interior do estado, tentando fazer arte. Sinto que tem uma diferença do olhar do outro para a gente. É muito importante dar visibilidade para as mulheres artistas, pois isso cria impulso para as outras mulheres, empondera, ajuda a criar coragem.

ZAINE DINIZ

AS ORGANIZADORAS:

QUAL É O PAPEL DA SUA ÁREA EM UM ESPETÁCULO TEATRAL?

Zaine: Sou atriz e figurinista.

AS ORGANIZADORAS:

COMO COMEÇOU O SEU INTERESSE PELA ÁREA?

Zaine: Desde muito pequena, já gostava de me apresentar pra minha família e já preparava meus figurinos e das minhas irmãs e primas também. Eu tinha coleção de bonecas de papel que vinham com vários modelos de roupas, eu era fascinada por elas e sobre as roupinhas de papel eu redeseenhava os modelos, enfim eu já costumizava com canetinhas coloridas, colando paetês, rendas e fitas. Aos 11 anos, eu já fazia crochê e tricô - aprendi com minha avó Geralda que fazia várias roupinhas pras minhas bonecas -, aos 12 anos eu tricotava para minhas bonecas e para minha família. Na escola era onde eu menos atuava, pois era uma menina digamos "fora do padrão" e os papéis na maioria ficavam para as meninas mais "bonitas", eu sempre gordinha, com óculos fundo de garrafa e altamente míope, estava bem fora do padrão de beleza, enfim, não tive muito espaço nos palcos e fui pra música. Estudei piano e, como desenhava muito bem, fui aprender óleo sobre tela e, durante toda minha adolescência, produzi muito. Depois de terminar a faculdade, vim pra Rondônia, Cacoal, e tive oportunidade de participar do projeto Salto Teatral, do grupo Essência das Coisas, e ali retomei o meu sonho de atuar e o trabalho coletivo de teatro é incrível, porque

todos participam de tudo, da montagem, produção, figurino... E então eu me encontrei, era o que eu queria pra minha vida e é nessa vida que estou ainda hoje.

AS ORGANIZADORAS:

COMO OCORRE O SEU PROCESSO CRIATIVO?

Zaine: Dialogo com o diretor sobre a ideia que ele tem sobre o figurino do espetáculo, com os atores e atrizes também, e contextualizo tudo que levantei pra começar a viajar nas minhas ideias. Eu vejo, sonho, imagino e desenho. Faço croquis com tudo que idealizo e depois vou aparando as arestas, pensando em quem vai usar e como vai funcionar, nos movimentos do ator, do personagem, na personalidade desse personagem, enfim, quanto mais informação eu tiver, eu consigo criar em cima das minha ideias. Talvez por eu também ser atriz, eu me coloco no lugar da atriz ou ator que vai se vestir com esse figurino. Gosto de garimpar em brechós e customizar peças, sempre que cabe em um figurino, estou colocando um detalhe artesanal. Às vezes uma pintura, um envelhecimento ou envivecimento de cores, linhas, crochê, macramê, etc. Gosto de transformar, reaproveitar e potencializar os figurinos.

AS ORGANIZADORAS:

VOCÊ PERCEBE DIFERENÇA ENTRE A SUA PRIMEIRA EXPERIÊNCIA E A MAIS RECENTE?

Zaine: Sim, enorme. Nos primeiros trabalhos, eu tinha a ideia, mas não tinha muito técnica. Era mais impulsiva e não pensava muito na funcionalidade das peças. Fiz muitas coisas bacanas que não funcionaram muito bem. Hoje acho importante que a minha criatividade esteja aliada com técnica, funcionalidade e contextualizada, para que tudo dê certo. É um aprendizado constante.

AS ORGANIZADORAS:

QUE REFERÊNCIAS OU OUTROS PROFISSIONAIS TE INSPIRAM NESTA TRAJETÓRIA?

Zaine: Tenho como referência imagens de obras de arte, de figurinistas que trazem uma construção poética, como figurinistas do nordeste, no artesanato e nas grandes obras clássicas da literatura e cinema.

AS ORGANIZADORAS:

QUAIS AS MAIORES DIFICULDADES DA PROFISSÃO?

Zaine: Sempre tive uma limitação visual (alta miopia, degeneração macular, retinose pigmentar) que realmente me impediam de costurar. Hoje tenho uma lente implantada no olho que melhorou muito meu campo visual, mas a costura ainda é uma deficiência minha. Tenho noções de moldes, mas dependo de outras pessoas para costurar minhas ideias e aqui temos excelentes costureiras de roupas "normais", mas de figurinos... é mais difícil. Os materiais também nem sempre encontramos, os custos de frete pra Região Norte são absurdos de altos, e a própria valorização da profissional que muitas vezes é apenas um nome na ficha técnica. Em As Mulheres do Aluá, em alguns bate-papos durante circulação do Palco Giratório, foi levantado e discutido de forma bem positiva, gostei muito, pois me senti valorizada e menos INVISÍVEL.

AS ORGANIZADORAS:

PENSANDO EM REGIÃO NORTE, AMAZÔNIA, DE QUE MANEIRA ISSO INFLUENCIA NO SEU TRABALHO E QUAIS AS DIFICULDADES ENFRENTADAS POR ESTAR NESTA REGIÃO DO PAÍS?

Zaine: Viver na região amazônica, Rondônia, natureza... é um banquete de inspiração! Sou muito ligada à terra, aos elementos da natureza. Porém também precisamos de materiais específicos, e que nem sempre encontramos por aqui, e ou compramos quando viajamos pra fora ou pedimos pela internet e pagamos o frete absurdo que é pra nossa região. O custo amazônico também afeta os figurinos.

AS ORGANIZADORAS:

O QUE TE MOVE PARA CONTINUAR TRABALHANDO NA ÁREA??

Zaine: O que me move é que preciso disso pra me sentir viva. Atuar, criar ... é me realizar, me expressar, ser feliz, contribuir para que o trabalho

de um coletivo tenha êxito, sucesso e saber que tem meu trabalho ali também é uma grande satisfação. A arte é que me move.

AS ORGANIZADORAS:

ACREDITA QUE O FATO DE SER MULHER MODIFICA O SEU OLHAR PARA A ÁREA? OU MODIFICA O OLHAR DO OUTRO EM RELAÇÃO A VOCÊ?

Zaine: Acredito que, por eu ser mulher e atriz, modifica sim meu olhar pelo figurino, pelo todo do espetáculo. Porque como mulher trago um registro de memórias, de vivência com o tecido, com acessórios e detalhes mínimos que para mim tem que ser perfeitos (pelo menos eu tento, sou muito exigente comigo mesma). Quanto ao olhar do outro em relação a mim pelo meu trabalho... também! Pois eu me revelo em tudo que faço e, quando me perguntam sobre meu figurino, eu me sinto vista. Falar sobre meu figurino é dar visibilidade ao meu trabalho, a mim como profissional e não apenas um nome na ficha técnica.

SEÇÃO 3

AS ORGANIZADORAS



ANDRESSA BATISTA

Andressa Christiny do Carmo Batista, conhecida artisticamente como Andressa Batista, tem 33 anos, nasceu em Rio Branco/AC e se entende como uma mulher cisgênero, parda e sem deficiência. Trabalha em Porto Velho/RO, afirma que o teatro é sua ocupação principal e que **atua especificamente nas áreas de atuação, gestão e produção** há cerca de 12 anos.

MINI-BIO:

Andressa Batista é artista, gestora/produtora cultural e mulher amazônica. Licenciada em Artes Cênicas, especialista em História e Cultura Afro-brasileira e Africana e mestranda do Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Acre, além de Tecnóloga em Produção Cultural pela Universidade Cidade de São Paulo. Atualmente atua como Técnica Especializada em Artes Cênicas no Sesc Rondônia, gerindo e fazendo a curadoria de programações e ações formativas de teatro, dança e circo. Além disso, é gestora da Semear Cultura e autora do Livro Breve Manual de Produção Cultural para Artistas Independentes.

PRINCIPAIS TRABALHOS:

- ▶ Produção no Grupo de Artes Cênicas Nois da Casa, com os espetáculos O Santo e a Porca (2009-2011) e Origens (2012-2013);
- ▶ Atuação no espetáculo Noite de Diabo Danado (2016);
- ▶ Curadoria, gestão e produção do projeto Palco Giratório (2017-2022);
- ▶ Curadoria e produção do projeto Amazônia das Artes (2017-2022);
- ▶ Parecerista nos editais culturais do Governo de Rondônia (2017 e 2019) e no edital cultural de Balneário Camboriú/SC (2021);
- ▶ Produção, gestão e curadoria de projetos na área de artes cênicas do Sesc Rondônia, tais como Sesc Apresenta (2017-2022), Residência Sesc em Artes Cênicas (2018 e 2021), Sábados Cênicos (2019-2020), Prêmio Sesc de Incentivo às Artes Cênicas (2018-2019), Laboratório Cultural (2019-2022), Sesc 52 (2022), dentre outros;
- ▶ Curadoria, gestão e produção do Seminário Palco Giratório - Arte como (re)Existência (2018 - 2019);
- ▶ Autoria e edição do livro Breve Manual de Produção Cultural para Artistas Independentes (2021).

O QUE PENSA:

“Sou uma artista amazônida em constante transformação e processo criativo. Procuro semear sonhos com a certeza de que a colheita vem, ainda que demore um tempo, como um ciclo que se encerra quando se renova. No meu trabalho, busco ser a ponte que liga pessoas, eventos, ações, expressões, linguagens, sonhos e, sobretudo, afetos. Valorizo a formação, interessa-me a aprendizagem e o empoderamento de outras pessoas, de modo a criar frutos no futuro, para que aí saibamos que será um futuro melhor”.



Curadoria, gestão e produção do projeto Palco Giratório (2019).



Mediação do bate-papo pós-espetáculo Traga-me a Cabeça de Lima Barreto, durante o Festival Palco Giratório (2019).



JESSIANE GISELE

Jessiane Gisele Barroso da Silva, conhecida artisticamente como Jessiane Gisele, tem 35 anos, nasceu em Rio Branco/AC e se entende como uma mulher cisgênero, branca e sem deficiência. Trabalha em Rio Branco/AC, afirma que o teatro não é sua ocupação principal e que **atua especificamente nas áreas de figurino** há cerca de 10 anos.

MINI-BIO:

Jessiane Gisele é artista, figurinista, arte-educadora e mulher amazônica. Licenciada em Artes Cênicas/Teatro pela Universidade Federal do Acre – UFAC, mestra em Educação pela UFAC. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas pela mesma instituição. Atualmente atua como professora na educação básica de ensino na Rede Estadual com o componente curricular de Arte.

PRINCIPAIS TRABALHOS:

- ▶ Assistente de produção do show CantAcre Brasil (2013);
- ▶ Estudo, pesquisa e criação dos croquis do figurino da Peça Dorotéia, de Nelson Rodrigues, na disciplina de indumentária e caracterização (2013);
- ▶ Pesquisa, criação e execução do figurino de Carmen Miranda como parte do processo da disciplina de Dança (2014);
- ▶ Direção e Figurino da Leitura Dramatizada do texto Eles não Usam Black-tie, como resultado do processo da oficina realizada no projeto Sesc Dramaturgia (2014);
- ▶ Oficina no Projeto Residência SESC em Artes Cênica, com a Oficina de Iniciação ao Figurino Teatral (2018);
- ▶ Premiada em 2º lugar com o melhor figurino, no concurso nacional promovido pela Escola de Costurar do Instituto Diana Demarchi (2020);
- ▶ Elaboração do figurino do espetáculo de dança contemporânea Fale Agora ou Cale-se para Sempre, do grupo de Pesquisa e Extensão Nós da Casa (em andamento).

O QUE PENSA:

“Sou uma artista e figurinista que demorou a se reconhecer como tal, talvez esse reconhecimento tardio esteja relacionado ao processo de apagamento que nós mulheres somos constantemente condicionadas. Ao refletir sobre a minha trajetória e sobre os meus processos criativos, posso seguramente afirmar que estes se deram ainda na minha infância, inspirada em minha avó Noêmia que era costureira profissional, foi ela quem me ensinou os primeiros alinhavos. Assim, venho buscando costurar as memórias e aprendizados que carregou, a grande colcha de retalho que é a vida”.



Figurino vencedor do concurso (2020).



Croquis dos figurinos das personagens da peça teatral Dorotéia de Nelson Rodrigues (2013).



ANA PAULA ALAB

Ana Paula Alab de Oliveira, conhecida artisticamente como Ana Alab, tem 38 anos, nasceu em Rio Branco/AC e se entende como uma mulher cis-gênero, negra e sem deficiência. Trabalha em Rio Branco/ Acre, afirma que o teatro é sua ocupação principal, e que **atua especificamente nas áreas de licenciatura, cenografia e performance** há cerca de 12 anos.

MINI-BIO:

Graduada em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Acre e mestrada em Artes Cênicas pela Universidade Federal de São João del Rei. Tem na mala de mão alguns cursos e oficinas nas áreas de direção de arte, figurino, cenografia e performance, áreas que também atua profissionalmente com projetos e ministrando oficinas para adultos e crianças. Em 2016, após o curso de Performance, idealizou e criou, em conjunto a duas amigas (Carol e Yira), o ColetivA Mesa, projeto em que desenvolvem performances juntas ou distantes, já que cada uma mora em um lugar do país, sempre trazendo discussões a respeito da mulher, das relações sociais e espaciais. Por fim, vem desenvolvendo um projeto pessoal e com o coletiva "Deriva Cartográfica", em que busca novos olhares sobre a cidade, através da fotografia, em que busca um resgate das histórias e memórias apagadas.

PRINCIPAIS TRABALHOS:

- ▶ Produtora do espetáculo O Santo e a Porca, Grupo de Artes Cênicas Nós da Casa (2009-2011) e do espetáculo Origens (2012-2013);
- ▶ Cenografia do espetáculo O Santo e a Porca, Grupo de Artes Cênicas Nós da Casa (2009-2011);
- ▶ Auxiliar de cenografia do espetáculo Origens (2012-2013);
- ▶ Performer na performance Nós (2016);
- ▶ Atuação no Manifesto cênico Flecha (2017-2018);
- ▶ Performer na performance Ritual para não ferir (2017-2019);
- ▶ Instrutora de oficina Cenografia- Um despertar sobre os espaços (2019);
- ▶ Instrutora de oficina de Adereços Carnavalesco (2020);
- ▶ Fotografia no Projeto Deriva Cartográfica (2021).

O QUE PENSA:

“Acredito que a arte seja política e que, a cada dia, ela precise ocupar mais os espaços, em especial os espaços públicos, como a rua. Quando ela ocupa esse lugar, ela age como guerrilheira, desarticulando o Estado, produzindo e trazendo para as superfícies as outras existências, desacomodando os passos, os olhares, as narrativas, que foram impostas e se tornaram aceitas e verdadeiras. E se tratando de Amazônia, esse resgate se torna urgente devido ao processo de colonização que exterminou parte das nossas histórias”.



Cenografia Espetáculo "Santo e a Porca" (2009-2010).



Performance "Nós" (2016)- Belo Horizonte - arquivo pessoal.



VALESKA ALVIM

Valeska Ribeiro Alvim, conhecida artisticamente como Valeska Alvim, tem 40 anos, nasceu em Juiz de Fora /MG e se entende como uma mulher cisgênero, parda e sem deficiência. Trabalha em Rio Branco AC, afirma que a Artes Cênicas é sua ocupação principal, e que **atua especificamente nas áreas de licenciatura, direção, produção e iluminação** há cerca de 20 anos.

MINI-BIO:

Professora da linha de Pesquisa Teoria e Prática em Artes Cênicas no Programa do PPGAC\UFAC. Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas - UNB (2018). Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Artes - Unicamp (2012) e bacharel e licenciada em Dança pela Universidade Federal de Viçosa - UFV (2006). Atualmente é docente na Universidade Federal do Acre (UFAC), concentrando suas atividades prioritariamente no curso de formação de professores em Artes Cênicas. Coordena o grupo de pesquisa e extensão em Artes Cênicas (Nóis da Casa) e o Grupo de Pesquisa Poéticas do Corpo, Memória e Performatividade. Representante do Estado do Acre na FAEB - Federação de Arte Educadores do Brasil.

PRINCIPAIS TRABALHOS:

- ▶ Diretora geral do espetáculo O Santo e a Porca, Grupo de Artes Cênicas Nóis da Casa (2009-2012);
- ▶ Direção e iluminadora do espetáculo Origens: Homenagem ao Hélio Melo (2012 a 2021);
- ▶ Prêmio Economia Criativa-Iniciativas Empreendedoras e Inovadoras, Ministério da Cultura-MINC (2012);
- ▶ Prêmio Klauss Vianna - FUNARTE (2014);
- ▶ Acervo online Cartografia da Dança do Acre, 2016; Tema: Acervo de Dança Cênica do estado do Acre (site);
- ▶ Curadoria do Projeto Expressões Contemporâneas: criação e visibilidade (2017-2022);
- ▶ Direção geral do Dança Interface com a Tecnologia (2019-2022);
- ▶ Organização do Ebook da Associação Nacional de dança LAKKA, V. (Org.); GUIMARAES, D. (Org.) ; AQUINO, D. (Org.) ; QUEIROZ, C. (Org.); Alvim, Valeska Ribeiro(Org.) ; AMANCIO, A. (Org.). Os desafios pandêmicos e outros modos de re-existências nas arte. 1. ed. Anda, 2020. 332p;
- ▶ Organização do livro de Ponta a Ponta: cruzando olhares para a dança no Acre, Edufac, 2021;
- ▶ Organização da Revista TXAI - Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas- UFAC (2021-2022);
- ▶ Direção geral e iluminação do espetáculo "Fale agora ou cale-se pra sempre", estreia prevista para 2022.

O QUE PENSA:

"Sou uma artista mineira com os pés enraizados na Amazônia ocidental. Gosto de aprender a pensar junto, de fazer junto, de baixar os muros da instituição que estou vinculada, criar parcerias e aumentar as potências. Para tanto, não custa nada lembrar, citando Deleuze, que 'o poder requer corpos tristes. O poder necessita de tristeza, porque consegue dominá-la. A alegria, portanto, é resistência, porque ela não se rende. Alegria como potência de vida nos leva a lugares onde a tristeza nunca nos levaria'".



Direção e iluminação do espetáculo *O Santo e a Porca*, de Ariano Suassuna, em Recife (2013).



Direção e iluminação do espetáculo *Origens: uma homenagem ao Hélio Melo*, em São Luís - Maranhão (2014).

ALGUMAS PALAVRAS LANÇADAS NO CAMINHO...

Aqui, nesse livro, nosso objetivo, desde o primeiro momento, foi visibilizar o trabalho de diversas mulheres que atuam nos bastidores do teatro dos estados do Acre e de Rondônia. Como já dissemos, sabíamos que era um plano ambicioso, portanto nunca tivemos como intenção, ou mesmo convicção, abarcar nessa publicação a totalidade de artistas que trabalham nessa área em ambos os estados.

Te pedimos, portanto, uma única gentileza: que compartilhe esse livro e nos ajude na tarefa de fazer a conhecer quem são as artistas dos bastidores que trabalham no Acre e em Rondônia, ainda que nessa obra esteja apenas um recorte delas. Esperamos que as vozes expressadas aqui, possam ecoar e provocar o sentimento de pertencimento às inúmeras mulheres artistas que ainda não se reconhecem como tal.

Acreditamos que todos esses dados levantados encontram nesse livro, apenas, um primeiro esforço de visibilizar o trabalho de tantas mulheres. A riqueza das informações coletadas deve desdobrar-se, em alguma medida, em outras possibilidades e suportes. O próprio processo de materializar essa obra rende outras tantas histórias. Essa tarefa, portanto, não está concluída. Nosso sentimento é de que apenas começamos.

ANDRESSA BATISTA
JESSIANE GISELE
ANA PAULA ALAB
VALESKA ALVIM

ENCONTRE AS ORGANIZADORAS

ANDRESSA BATISTA

Site: www.semearcultura.com.br

Instagram: @andressabatista89

Facebook: andressabatista89

Youtube: Semear Cultura

E-mail: contato@semearcultura.com.br

JESSIANE GISELE

Instagram: @jessianegisele

Facebook: jessianegiselebarroso

E-mail: jessianegisele@hotmail.com

ANA PAULA ALAB DE OLIVEIRA

Instagram: @anapaulaalab

Facebook: anapaulaalab

E-mail: anaalab81@gmail.com

VALESKA RIBEIRO ALVIM

Site: cartografiadadadançanoacre

Instagram: @valeskaalvim

Facebook: Valeska Alvim

E-mail: valeska.alvim@ufac.br

No processo de construção dessa obra, armamos o olhar e a escuta para mulheres artistas. A intenção maior é compreender, no território da invisibilidade dos bastidores da cena teatral, qual espaço nós mulheres ocupamos. Afinal, quem são estas mulheres residentes e resistentes no teatro do Acre e de Rondônia? Pensar essas questões foi o ponto de partida para a elaboração das reflexões contidas neste livro. Os instrumentos utilizados para termos as respostas para as inúmeras indagações que nos afligiam deu materialidade a este trabalho, tendo como suporte as vozes das mulheres que compõem esta obra. Este livro é, portanto, um convite a conhecê-las.

